



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS – FALE



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLL

Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega

**UMA PROPOSTA DESCRITIVA PARA A LÍNGUA DE SINAIS:
DA FONOLOGIA PARA A SIGMANULOGIA**

Maceió – 2019

Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega

**UMA PROPOSTA DESCRITIVA PARA A LÍNGUA DE SINAIS:
DA FONOLOGIA PARA A SIGMANULOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração em Teoria e Análise linguística, para defesa pública, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula

Maceió – 2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

N754p Nóbrega, Valdo Ribeiro Resende da.
Uma proposta descritiva para a língua de sinais: da fonologia para a
sigmanologia / Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega. – 2019.
81 f.: il. color.

Orientador: Aldir Santos de Paula.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 77-81.

1. Linguística. 2. Língua de sinais – Terminologia. I. Título.

CDU: 81'221.24



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

VALDO RIBEIRO RESENDE DA NÓBREGA

Título do trabalho: “UMA PROPOSTA TERMINOLÓGICA PARA A LÍNGUA DE SINAIS: Da Fonologia para a Sigmanulogia”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Profa. Dra. Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu (Uncisal)

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGLL/Ufal)

Maceió, 30 de setembro de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos pesquisadores da Linguística que tanto nos contribuíram para a legitimação das línguas de sinais da comunidade surda.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço à Deus, pois sem Ele nada eu seria.

Agradeço aos meus pais, Marina e Valdo, paraibanos arreitados, cuja sabedoria lhes foi transmitida e têm a minha gratidão eterna. E aos meus irmãos, Luciana e Aulio (surdo), pelas jornadas em que vivemos e convivemos.

Agradeço à minha esposa Carolina pelo suporte e incentivo nos momentos mais difíceis durante a jornada acadêmica. E à minha filha Giulia pela alegria e descobertas durante o seu nascimento até o presente trabalho.

Agradeço ao orientador, Aldir de Paula, pela coragem e ousadia em realizar este trabalho.

Agradeço ao professor Jair Barbosa pela motivação e cooperação em minha formação acadêmica.

Agradeço aos tradutores e interpretes, do Letras-Libras da FALE/UFAL, que contribuíram na tradução e interpretação durante as aulas da pós-graduação em que estive presente.

Agradeço aos pesquisadores, amigos e conhecidos, que contribuíram, diretamente e indiretamente, durante o desenvolvimento desta dissertação.

E por fim, agradeço à comunidade nerdsurda por proporcionar horas de jogatinas para aliviar as tensões e estresses em que passei.

“Aprendi que a coragem não é a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. O homem corajoso não é aquele que não sente medo, mas o que conquista esse medo”.

Nelson Mandela

RESUMO

As línguas de sinais são compostas de modalidade visomotoraespacial, o acesso a elas se dá na produção articulatória do corpo e espaço e são captadas no campo visual. Nos estudos linguísticos sobre línguas de sinais são adotados termos advindos de teorias pensadas para as línguas de modalidade oral, a exemplo de fonética e fonologia. Ambos os termos em seu étimo fazem referência a som, o que não condiz com línguas de sinais. Assim, neste trabalho, cujo processo foi realizado em análises bibliográficas, propomos uma discussão em termos de adequação terminológica para descrição de línguas de sinais: o que se denomina de Fonologia, passa a se chamar Sigmanulogia, compilando os trabalhos de Stokoe (1960), Battison (1973), Bellugi e Klima (1979) e Liddell e Johnson (1989), dividida em três sistemas: articulatório, espacial e perceptual. Embora os estudos concernentes às línguas de sinais usem os termos Fonética e Fonologia de modo operacional, cabe considerar que o fazer científico carece de precisão terminológica e descritiva, o que ocorre em outros estudos de línguas de sinais. Propomos abrir uma discussão para definir uma nomenclatura seguida de descrição linguística adequada à modalidade dessas línguas.

Palavra-chave: Linguística; Terminologia; Língua de sinais.

ABSTRACT

Sign languages use the visual-motor-spatial modality, access to them occurs in the body and space articulatory production and they are captured in the visual field. Linguistics studies on sign languages adopt terms from theories designed for oral languages, such as Phonetics and Phonology. Both terms, in their origin, refer to sound, which is not consistent with sign languages. Thus, in this work, based on and developed from bibliographical analyses, we propose a discussion of terminological adequacy for the description of sign languages: Phonology is here called Sigmanology, compiling the works of Stokoe (1960), Battison (1973), Bellugi and Klima (1979) and Liddell and Johnson (1989), and it is divided into three systems: the articulatory, the spatial and the perceptual ones. Although studies concerning sign languages use the terms Phonetics and Phonology in an operational way, it should be considered that scientific work lacks terminological and descriptive precision, which happens in other sign language studies. We propose to start a discussion aiming to define a specific nomenclature followed by linguistic description appropriate to these languages modality.

Keywords: Linguistic; Terminology; Sign language

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. INTRODUZINDO A LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA	14
1.1 A Lexicologia e Lexicografia	14
1.2 A concepção da terminologia	18
1.3 Formação de termos técnicos	22
2. A FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ORAL	24
2.1 A Fonética	25
2.2 A Fonologia	26
2.3 Fonemas	29
2.4 Alofones	30
2.5 A “fonética” e “fonologia” da língua de sinais	32
2.5.1 A “fonologia” de Stokoe (1960)	34
2.5.2 A “fonologia” de Liddell & Johnson (1989)	42
2.5.2.1 Feixe articulatório	46
3. ESTUDOS TERMINOLÓGICOS E SUAS DIVERGÊNCIAS	49
3.1 os termos e suas concepções	49
4. A SIGMANULOGIA	61
4.1 Sistema Articulatório	64
4.2 Sistema Espacial	66
4.3 Sistema Perceptual	68
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

A Linguística é uma ciência que procura analisar, descrever e catalogar as estruturas das línguas existentes, independentemente da abordagem adotada. Visto que existem muitas questões que necessitam ser abordadas na fonética e na fonologia das línguas orais, para podermos compreender melhor quando se trata da língua de sinais.

Enquanto há pesquisas sobre a descrição de unidades mínimas da língua de sinais vemos diferentes abordagens teóricas de diversos pesquisadores. Quando tratamos de terminologias nas línguas de sinais é o que está em questão as etimologias que são utilizadas nas línguas orais para as de sinais. Porém se faz necessário analisar e abordar as descrições da fonética e fonologia das línguas orais em contrapartida com as línguas de sinais. E podemos ressaltar que além de descrever a fonética e fonologia é possível utiliza-las nas línguas de sinais cujo sistemas descritos são distintos por serem visomotorespaciais?

Essa inquietação tem sua origem: quando lecionamos a disciplina Língua Brasileira de Sinais - Libras de modo que descrevesse as produções e execuções de certos itens lexicais da língua de sinais, a começar pela “fonologia”. Sem dúvida nenhuma que os alunos irão questionar “Num é que a fonologia é do som?”, “Por que esse termo está na língua de sinais, se ela é da parte sonora?” e “As modalidades delas são diferentes, mas por que usam o termo fonologia?” Decerto que há outros docentes de Libras que já receberam essas perguntas semelhantes. Podemos perceber que além de observar a inquietação terminológica temos a questão conceitual e descritiva da disciplina que precisa ser analisada.

Esse foi um ponto de partida que nos fez questionar se é necessário empregar o uso dos termos voltados para a língua oral na língua de sinais e descrevê-la. Sendo assim, introduziremos o primeiro capítulo sobre as concepções da lexicologia e terminologia com intuito de compreender tais funções para que possamos repensar o uso de diversos termos empregados para um campo específico da língua de sinais.

Teremos um capítulo dedicado à introdução da fonética e fonologia das línguas orais retratando os trabalhos de diversos autores, inclusive o percurso da “fonética” e “fonologia” das línguas de sinais, apresentando o pioneirismo de William Stokoe sobre

os sistemas linguísticos da língua de sinais, querologia e querema. Nesta parte serão introduzidas as estruturas idealizadas por Stokoe, citando seus trabalhos com sistema de notação e retratando as unidades mínimas da língua de sinais. No percurso, temos a releitura de vários autores que nos levam ao trabalho de Liddell & Johnson (1989), que apresentam mais unidades mínimas que estão além das encontradas por Stokoe (1960). O objetivo deste capítulo é introduzir o contraste das modalidades das línguas enquanto utilizam as bases teóricas e linguísticas destas duas áreas. É evidente afirmar que essas leituras possuem suas influências de sistemas de língua oral para facilitar a compreensão do procedimento de produção de um termo, tanto na língua oral quanto na de sinais.

É nesse contexto que o trabalho apresenta um estudo linguístico para que possamos observar primeiramente o contraste teórico linguístico das línguas orais e de sinais cujos pesquisadores alegam que os termos empregados possuem suas semelhanças categorizadas o que fortalece o uso da “fonética” e “fonologia” nos campos acadêmicos, é o que nos motivou a realizar este trabalho. Quando refletimos o uso de termos adequados para um campo da língua de sinais realizamos as leituras de Battison (1979), Liddell (2003), Klima & Bellugi (1979), Barros (2005) e Capovilla (2011) na questão do uso dos termos e suas justificativas dos termos empregados. Após analisar, realizaremos uma proposta, de Nóbrega (2016), para que possamos elaborar e empregar da melhor forma possível, classificando as unidades mínimas de Stokoe (1960) e de outros pesquisadores para este campo linguístico da língua de sinais.

No terceiro capítulo, iremos apresentar questões terminológicas apresentados nas leituras referenciais. Trataremos da questão lexical e terminológica da fonética e fonologia, suas raízes e divergências entre a língua oral e a de sinais. Iremos introduzir a proposta de Stokoe (1960) pelos termos querologia e querema. A justificativa do capítulo é apresentar as distinções conceituais dos termos nas línguas de modalidades distintas.

No quarto capítulo, iremos apresentar nossa proposta terminológica reforçando o trabalho de Nóbrega (2016) e ressaltar a questão da importância dela na língua de sinais cuja descrição será composta de unidades mínimas visomotoraespaciais divididas em três sistemas: Articulatório, Espacial e Perceptual. O articulatório será composto como unidades primárias na produção de um termo sendo que elas são realizadas com o uso de composições corporais e sua articulação. O Sistema Espacial será descrito por

unidades mínimas espaciais que complementam o uso do espaço em que as unidades primárias são realizadas. Já o Sistema Perceptual será composto por unidades mínimas distintas que possuem elementos específicos que são adicionadas ou alteradas que influenciam outras unidades.

Além disso, o trabalho traz um diferencial, pois aborda uma questão linguística da língua de sinais que contribuirá para o trabalho de outros docentes e pesquisadores da língua de sinais que possam aprofundar esta questão.

Por fim, a língua de sinais é um sistema linguístico que possui seu canal comunicativo visomotoraespacial da comunidade surda. Ela é uma língua recente nos campos acadêmicos que carecia de pesquisas linguísticas, mais principalmente nas áreas destacadas como da fonologia para a sigmanologia.

1. INTRODUZINDO A LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA

Para que possamos descrever os conceitos dos termos que serão trabalhados posteriormente é necessário conhecer o trabalho e a natureza da lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia dos pesquisadores como Krieger e Finatto (2004), Dubois et al (2006) e outros, pois terá como base deste trabalho nas concepções dos termos. Lembramos que estes estudos são descritos para que possamos trabalhar nas concepções dos termos temáticos deste trabalho e conseqüentemente propor um novo termo para a teoria linguística da língua de sinais.

1.1 A Lexicologia e Lexicografia

Este campo é uma ciência que exige um estudo de léxicos ou palavras de determinada língua oral, de forma abrangente cujo objetivo principal seria descrever o conteúdo, de modo geral que atenda a compreensão humana. No entanto, a lexicologia é um estudo do léxico geral de uma língua, que pertence na mesma área da linguística, a ocupação dela é de componente lexical geral, e não específico das línguas.

Citaremos o exemplo de uma palavra BANANA, que na língua portuguesa, é reconhecida e descrita como uma fruta doce, de aparência amarela com manchas pretas. Mas ela pode ser descrita como característica de uma pessoa abobalhada como “ele é um banana”. No entanto, a lexicologia procura descrever as palavras de um modo geral com suas estruturas que podem ser alteradas de acordo com as regras gramaticais como a semântica, a morfologia etc. Há diversos trabalhos que tratam diferentes concepções de palavra, porém propomos descrever o termo lexicologia partindo da noção da palavra como “unidade de significação realizada por fonemas e sempre identificável como tal, em função de suas possibilidades de comutação” (Dubois et al., 2006, p.374).

A lexicologia é uma área que trabalha nas unidades das palavras existentes no cotidiano de uma determinada comunidade. E o objeto dessa ciência é realizar um processo denominativo e conceitual das palavras que “cobrem toda a abrangência da realidade cognitiva e referencial aprendida e construída pelo homem” (Krieger e Finatto, 2004, p. 43).

Para Dubois et al (2006, p. 372) a Lexicologia é “um estudo científico do vocabulário” de uma determinada língua. Mas não basta apenas estudar os vocábulos de uma língua como também é preciso conhecer as estruturas, suas concepções, sob a ótica de Saussure, e relações com os dois eixos: o eixo paradigmático e o sintagmático.

Enquanto pensamos na lexicologia surgem os questionamentos desta ciência em relação ao uso dela com a língua de sinais: a) as noções teóricas de Dubois et al (2006), Krieger e Finatto (2004), sobre lexicologia são adequadas à realidade das línguas de sinais?; b) Por serem as línguas de sinais de modalidade visomotoraespaciais, pode-se usar todo o arcabouço das ciências do léxico, cujas origens se detiveram às línguas orais, para compreensão e análise do léxico das línguas de sinais? Essas questões serão respondidas no capítulo 3.

Retomando o exemplo da palavra BANANA, podemos compreender novamente que na Libras o léxico é compreendido como uma fruta comestível que pode ser descascada facilmente com as mãos vide a figura 1 abaixo.

Figura 1 BANANA¹



Fonte: Incluir Tecnologia (2012)

E quando referimos esse exemplo de BANANA como “pessoa abobalhada” em Libras, o léxico dela não permanece, pois sofre drasticamente a alteração de componentes, das unidades mínimas e do conceito lexical. Ela muda para a palavra BOBO, que possui as mesmas definições da língua portuguesa. E podemos ver na figura 2 abaixo:

¹ Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=POGCLvDNqvo>

Figura 2 BOBO²



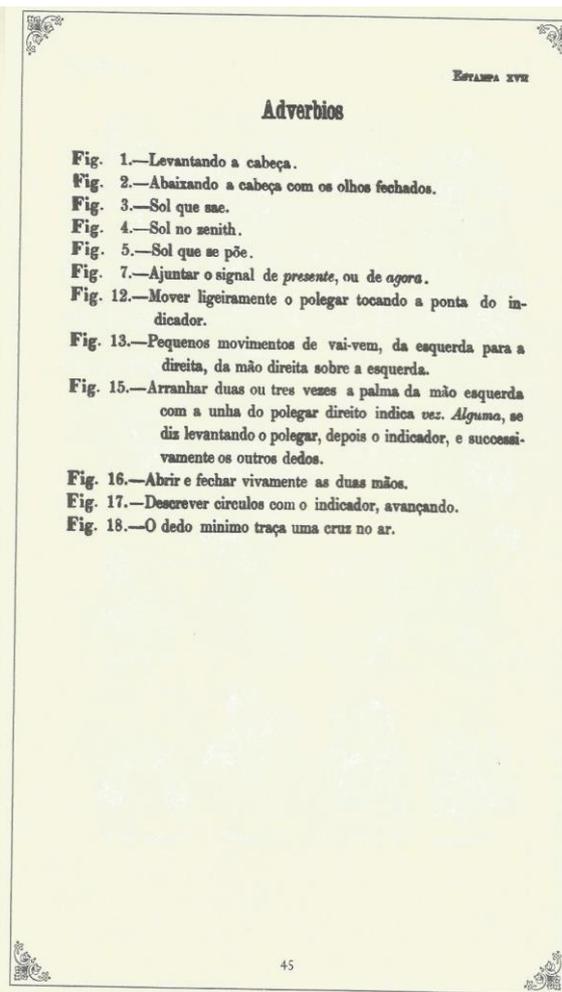
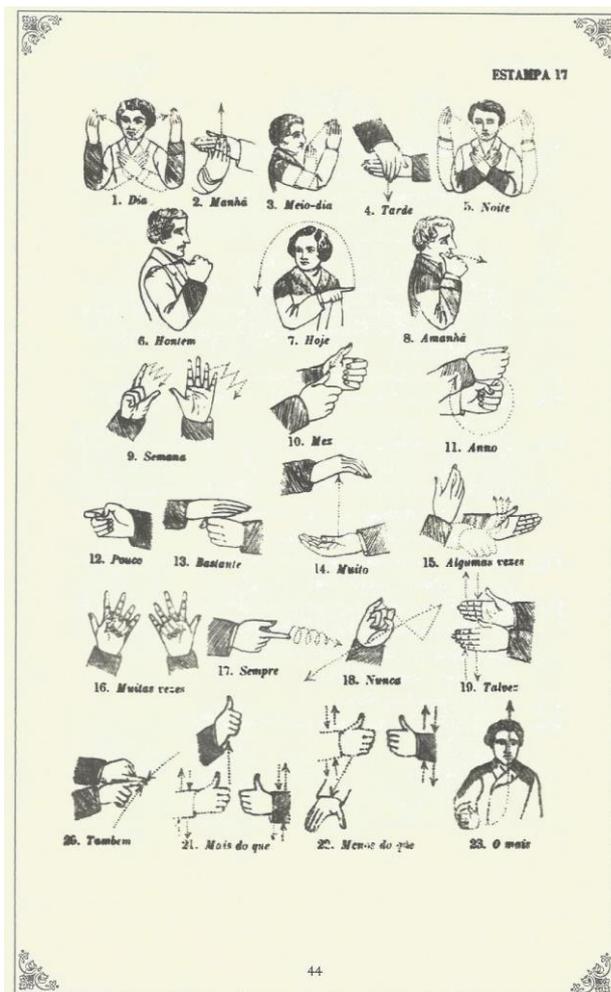
Fonte: Incluir Tecnologia (2012)

Essa ocorrência de alteração de forma da palavra acontece na Libras, pois a concepção nas duas línguas, do português e da Libras, é bastante diferente no sentido e na forma. Assim como define Dubois et al. (2006, p. 374), quando isso ocorre é porque a significação ocorrida nesses dois léxicos é realizada quando há combinações de frases que alteram de acordo com a função das palavras empregadas.

Partindo das questões apresentadas anteriormente, encontramos trabalhos de diversas unidades acadêmicas que envolvem o uso da lexicografia da Libras, isto é, um trabalho coletivo de diversos sinais de uso abrangente em formato de glossário. Conforme Krieger e Finatto (2004, p.47) apontam a lexicografia é um conjunto de diversos léxicos com diferentes tipologias em um dicionário de uma determinada língua, sendo que ele reúne palavras e locuções de forma abrangentemente possível. Na Libras, encontramos diversos dicionários a começar pelo Flausino José da Gama, de *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1825, que elaborou um trabalho cujo sinais apresentados são referentes ao uso cotidiano, conforme um exemplo retratado na figura a seguir. Dubois et al (2006, p.371) defendem que, para lexicografia, “as definições de dicionário descrevem a realidade concreta designada e não o estatuto linguístico da palavra”.

Figura 3 Advérbios

² Disponível no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=xvh_MBemMDU



Fonte: GAMA, 1875/2011, p. 44-45.

É possível considerar que a lexicologia e lexicografia não são a mesma ciência, portanto que os dois campos buscam descrever e compor o uso das palavras com abordagens diferentes. O léxico é descrito como palavra que apresenta diversas funções de derivação que possibilita duas características: 1) campo léxico - “conjunto das palavras que designam aspectos diversos de uma técnica, uma relação, uma ideia etc”.; 2) campo semântico - “conjunto de distribuições de uma unidade de significação nas quais essa unidade possui um semântismo específico” (Dubois et al., 2006, p.367).

A lexicografia possui dois conceitos: a lexicografia prática e a lexicografia teórica. A primeira constitui-se de realizar, produzir, escrever ou editar dicionários de linguagem mais geral. Ela aborda um estudo de técnicas de montagem de dicionários, inclusive os critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, sistemas de

definição, de estrutura, de palavras ou verbetes, de critérios para remissões, para registro de variante, e assim por diante (Borba, 2003 apud Martins, 2017, p.15).

Já a lexicografia teórica dedica-se em analisar e descrever o vocabulário de uma determinada língua inclusive estabelecer a descrição do léxico de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para alterar e/ou apresentar informações (Biderman, 1984, 2001; Borba, 2003; Welker, 2004 apud Martins, 2017, p. 15).

É nesse sentido que podemos compreender que, no trabalho de um pesquisador, cuja proposta é elaborar um novo termo para um campo específico, precisa-se de uma base concisa do estudo da lexicologia para compor um conjunto de elementos linguísticos de uma determinada língua. Neste caso foi possível elaborar um trabalho analítico do processo de formação de termos existentes e utilizados por autores que serão descritos no item 1.3 deste capítulo.

1.2 A concepção da terminologia

Quando falamos da terminologia, estamos tratando de um assunto abrangente que tende a relacionar o uso de quaisquer termos da língua. Para avançar este trabalho, Costa (2015) destaca que a língua especializada tende a ser de uso específico de termos em uma área para fins comunicativos de uma determinada comunidade linguística assim como, por exemplo, o termo **analgésico** é comumente utilizado na área de medicina e enfermagem, e o **remédio para dor de cabeça** é de linguagem popular, ou seja, é de uma língua comum.

A língua comum, de modo geral, é uma língua em que qualquer pessoa pode utilizar qualquer termo existente de uma determinada língua, já na língua especializada é determinada como as de uso específico de uma determinada área para fins comunicativos de um campo específico. Por falar em termos, podemos analisar a concepção do **termo** para que possa diferenciar a da **palavra**.

Isso nos leva a uma diferença importante entre o que seria um termo e uma palavra. **Termo** designa, aqui, o emprego monossêmico que é feito de uma unidade léxica, limitada a uma denominação, em tal ou qual ciência, preocupada em estabelecer uma correspondência unívoca entre seus conceitos e os termos de sua nomenclatura.

Palavra designará, nessa oposição, a unidade léxica do vocabulário geral, essencialmente polissêmico (Dubois et al, 2006, p. 450). Como exemplo, tome-se o termo **signo**, definido no dicionário terminológico de Dubois et al (2006), possui 8 concepções. Iremos destacar apenas os dois conceitos que mais definem aproximadamente

1 – Sob olhares de Saussure, o signo representa a abstração. Sendo que ele é composto pela dupla entidade cujo dois termos possuem um efeito. Não é limitado a “uma coisa ao nome, mas um conceito a uma imagem acústica”. Ou seja, o autor relaciona o conceito de significado e a imagem acústica de significante (2006, p. 542);

2 – Ele pode ser composto por diversas características: a) arbitrariedade do signo; b) caráter linear do significante; c) imutabilidade do signo; d) mutabilidade do signo.

De modo geral, o **signo** é entendido “como o símbolo, o índice ou o sinal, um elemento A – de natureza diversa – substituto de um elemento B” (Dubois et al 2006, p. 541).

No dicionário eletrônico de Houaiss versão 1.0 (2016), na versão digital, há dois modos de consulta: o clássico e o expresso. O primeiro, o clássico, possui definição em detalhes e inclui os exemplos de frases que ajuda a esclarecer os itens listados, e o segundo, o expresso, é a versão mais objetiva, sem detalhamento nem citações de exemplos. Optamos pelo expresso pois a palavra **signo** é descrita com múltipla definição semântica, ou seja, é polissêmico.

substantivo masculino

- 1 sinal indicativo; indício, marca, símbolo
- 2 designação comum às 12 partes em que se divide o zodíaco ou às 12 constelações que lhes correspondem
- 3 suposta influência de cada uma dessas constelações zodiacais sobre a vida das pessoas
- 4 elemento de projeção ou importância; expoente, luminar
- 5 maneira de realizar algo, caminho; amuleto, sortilégio
- 6 Rubrica: astrologia.

arco de 30 graus, igual à duodécima parte do círculo

- 7 Rubrica: linguística, semiologia.

designação comum a qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que é us. no lugar deste numa série

de situações (a balança, significando a justiça; a cruz, simbolizando o cristianismo; a suástica, simbolizando o nazismo; uma faixa oblíqua, significando proibido [sinal de trânsito]; um conjunto de sons [palavras] designando coisas do mundo físico ou psíquico etc.)

8 Rubrica: música.

m.q. *nota* ('sinal gráfico')

Além do exemplo citado, é preciso pensar que, ao dizer no uso do termo, ele tende a definir como um item monossêmico, enquanto dizemos em palavra, ela define-se como polissêmico. Neste caso é o que motivou a criação do termo sigmanulogia, sob ótica do dicionário específico, mas não aprofundaremos neste trabalho.

Outro estudo que pode contribuir na compreensão da terminologia é a definição do item lexical. A terminologia é composta como uma unidade lexical que possui sua característica específica de uma determinada língua, ou seja, o léxico é o “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (Dubois et al, 2006, p. 364), diferentemente do termo que é realizado pela terminologia, de unidades lexicais específicas. Esses dois campos são fundamentais a ponto de que os estudos lexicais e terminológicos serão discutidos com finalidade de empreender a adequação terminológica que será tratado nos estudos da língua de sinais no capítulo 3.

A lexicologia pode ser descrita como um estudo de descrições lexicais abrangente de uma determinada língua e a terminologia é entendida como estudo de termos específicos de uma determinada língua.

Retomamos o estudo de Castro (2015), em que o autor afirma que a concepção da terminologia geral é um campo de estudo de termos especializados de uma determinada área cuja base principal é trazer os elementos encontrados e repassar o conhecimento especializado. Esse é um estudo tradicional cuja ciência específica e utiliza seus métodos e técnicas de análises que pode ocorrer quando há outra língua - no nosso caso seria a língua de sinais. Há a lexicologia que determina um estudo de termos gerais como *mesa, casa, fruta* etc. E a terminologia está centralizada apenas nos termos específicos de uma determinada área como as de medicina, advocacia, fonologia etc. Lembrando que o presente trabalho tem como objetivo apresentar os termos

existentes de uma área específica da linguística da língua de sinais e propor um novo termo, embora haja outros para que possamos analisá-los de forma que não prejudique os trabalhos de outros autores.

A terminologia é um termo polissêmico, pois é compreendida também nos trabalhos de Krieger e Finatto (2004, p. 16) como “uma face aplicada relativa, sobretudo, à produção de glossários, dicionários técnicos-científicos e banco de dados terminológicos. Tradicionalmente a terminologia está associada a “um elemento inerente nas comunicações especializadas como redações de artigos científicos, resenhas, teses, manuais, textos especializados em geral” (Krieger e Finatto, 2006 p. 16).

É possível perceber que esse tipo de comunicação especializada consiste que os termos trabalhem com peculiaridades sua precisão, objetividade e sistema de termos técnico-científicos. Ou seja, que trabalhe como “uma língua para fins específicos” (Op. Cit, p.16).

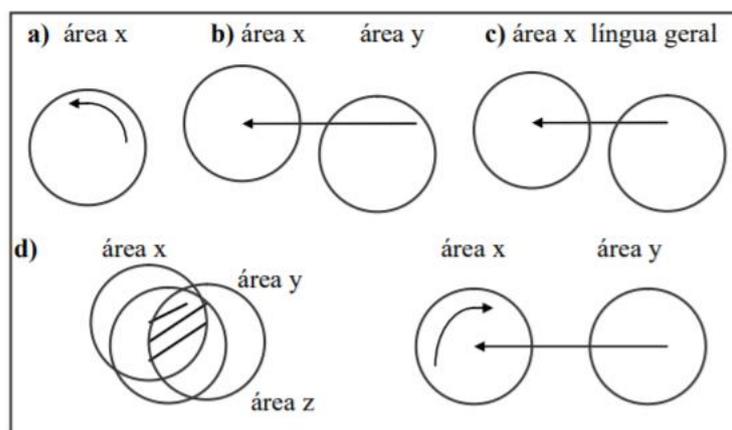
A terminologia pode ser definida e realizada no uso de um determinado campo profissional cujo termo seja designado apenas nele, pois o processo de uma conceitualização pode acontecer durante a constituição de uma terminologia.

Krieger e Finatto (2006) trazem mais uma definição para a terminologia cujo conhecimento científico está minimamente relacionado ao termo específico. Mais uma vez as autoras ressaltam que “o emprego das terminologias assume determinadas funcionalidades nas comunicações profissionais. Tais funcionalidades estão intimamente vinculadas à tridimensionalidade das faces constitutivas da terminologia – linguística, conceitual, comunicativa” (Op. Cit, p.17). E na comunicação profissional, no nosso caso como linguistas, é necessário haver um tratamento específico dos termos abordados para a linguística da língua de sinais, pelo menos, diversificar a língua oral da de sinais. E para poder compor essa categoria linguística é preciso verificar os procedimentos que ocorrem na formação de termos técnicos que será apresentado no tópico a seguir.

1.3 Formação de termos técnicos

De acordo com Barbosa (2004), existem diferentes mecanismos de formação de termos técnicos. Tais processos podem ser ilustrados através da Figura 4.

Figura 4 Mecanismos de formação de termos técnicos



Fonte: Barbosa (2004, p. 104)

O mecanismo ilustrado na figura 4 é descrito desta forma para que possamos ter a ideia do processo de criação do termo que

(a) diz respeito “a unidades terminológicas criadas especificamente para determinada área, exclusivas e caracterizadoras dessas áreas” (p.104). Um exemplo dado pela autora é o termo *ecobioma* ou *ecossistema hemoróbio*, na área de ecologia;

(b) se refere a “unidades provenientes de outra área” (p.104), como, por exemplo, se deu com a informática que adotou o termo vírus, da biologia;

(c) por sua vez, descreve casos em que se adotam “unidades provenientes da língua geral” (p. 104). A autora cita como exemplos *cebolinha* e *macaco*, na área de peças automobilísticas. “Nesses dois últimos casos, as unidades recebem, quando de sua transposição, acepções próprias da área que passou a integrá-las em seu vocabulário, acepções diferentes das que possuíam na área de origem” (p.104);

(d) diz respeito a “unidades com acepções parcialmente comuns às de outras áreas, como sucede com estrutura, em diferentes ciências e tecnologias, no âmbito do paradigma do estruturalismo” (p.104).

É interessante pensar que a terminologia emerge do ramo da linguística com o intuito de analisar os termos com conceitos descritos, já que o segundo propõe as descrições com base de conteúdos contidos nos termos, assim como pensa Wuster que

a terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações são independentes. Por essa razão, os terminólogos falam de conceitos, enquanto os linguistas falam de conteúdo das palavras referindo-se à língua geral (1998 apud KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 21).

Esta seção nos apresenta diversas concepções com o objetivo de analisar as ciências que contribuem o avanço de novas terminologias para a língua de sinais, embora seja um campo pouco aproveitado, mas frequentemente utilizado na comunidade surda acadêmica. Diante do processo de formação da terminologia apresentado por Barbosa (2004, p. 104), podemos notar que o item (a) é o mais adequado para este trabalho, pois reforça a necessidade de criar um termo que atenda os aspectos linguísticos da língua de sinais. É nesse sentido que propomos um trabalho que haja suas divergências funcionais nos termos utilizados de diferentes perspectivas linguísticas nos dois campos estudados: a fonética e fonologia da língua oral e da língua de sinais. No capítulo a seguir iremos apresentar duas línguas cujas definições das áreas que se destacam neste trabalho como um processo de construção e desconstrução dos conceitos.

2. A FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ORAL

Neste capítulo, iremos apresentar duas disciplinas que possuem abordagens distintas, embora relacionadas aos sons das línguas orais: a fonética e a fonologia. A razão disso é apresentar conceitos de uso das áreas nas determinadas línguas deste trabalho.

Resumidamente, trataremos duas abordagens, pois elas carregam consigo as terminologias já existentes nas línguas orais e que não condizem com a concepção – a fonética e fonologia da Libras e/ou das Línguas de Sinais. É natural mencionar fonética ou fonologia quando tratamos do assunto que abrange as línguas orais, sejam elas português brasileiro ou luso, inglês norte-americano ou britânico, mas dizer os mesmos termos empregados das línguas orais para a língua de sinais aparentemente é inadequado por duas razões: os termos são advindos de sistemas de análises e processamentos de produções sonoras; e os termos não geram campo visual, embora haja trabalhos de sistemas articulares semelhantes, mas possuem suas influências de sistemas e processos adaptando-os para a língua de sinais. O motivo seria o termo *fone* estar associado ao som, ou seja, quando alguém fala sobre a fonética da língua de sinais ela não está associada aos estudos das reproduções acústicas das pessoas, mas sim de traços corporais e manuais, sendo que é essa a intenção principal deste trabalho.

Tanto a fonética quanto a fonologia têm como objeto de estudo os sons das falas de certas línguas, no caso as línguas orais. E para compreender melhor a Fonologia, é preciso entender a Fonética, sem ao menos distinguir as duas disciplinas.

Para pensar melhor as funcionalidades das duas basta pensar nelas percebendo os sons de determinada língua oral com um simples cumprimento de duas pessoas ou as crianças brincando na praça que verá que é tão simples identificar os critérios básicos nos falantes da língua oral: o cérebro, a laringe, os pulmões, os ouvidos, os canais responsáveis pela produção e audição dos sons e, o mais importante, o reconhecimento da pronúncia de cada um. Caso um deles pronunciasse de forma incompreensível, embora os órgãos responsáveis estivessem em perfeito estado, a comunicação poderia ser falha.

No entanto, é preciso analisar e compreender as funções dos órgãos que produzem os sons através da fisiologia, como será apresentado em seguida,

recapitulado de modo em tópicos, os temas abordados e dividiremos em duas categorias: a fonética e fonológica das línguas orais e as das línguas de sinais.

2.1 A Fonética

A fonética analisa e interpreta os sons produzidos pelo aparelho fonador, em que se encontram os articuladores. É importante notar que a fonética está associada aos sons não pela sua raiz da palavra, mas pela concepção geral e natural da taxonomia. Ela é essencial nos estudos dos traços mínimos que pode distinguir um som do outro, seja em uma vogal ou uma consoante. As unidades mínimas das línguas orais são representadas e atualizadas pelo sistema de transcrição dos sons pelo International Phonetic Alphabet – IPA. Esse sistema é fundamental para compreender melhor os traços identificados pelos ouvidos dos falantes/ouvintes, tanto em analisar as funções e processamentos das mecânicas sonoras quanto pelos estudos linguísticos da língua oral.

A fonética, segundo Cagliari,

se preocupa de maneira principal com a arte de cortar o contínuo da fala em segmentos, de tal modo que o sistema linguístico de uma determinada língua possa ser entendido e manuseado com propriedade e simplicidade (1981, p. 6).

Tais como existem análises linguísticas do mesmo ramo que precisou criar um alfabeto próprio com o uso de articulações produzidas da língua oral-auditiva.

O IPA é um sistema de notação fonética criado pela Associação Fonética Internacional para padronizar as transcrições fonéticas de diferentes línguas orais. Sendo assim o IPA possui 106 letras, 32 sinais diacríticos e 33 marcas suprasegmentais. A função de letras é representar os sons básicos, o diacrítico especifica os sons que não são reproduzidos literalmente, e o suprasegmental indica as características prosódicas como a velocidade da fala, tom, acento tônico etc.

Depois disso, pensando na maneira de predizer uma palavra ou enunciado, nos levando ao trabalho da transcrição fonética deles. Sendo que os símbolos são analisados e representados a ponto de que os trabalhos de análises de uma língua falada é procurar descrever como a língua oral funciona em seus respectivos níveis.

Para compreender melhor um som, é necessário também conhecer e compreender melhor o uso do trato vocal, no caso, o corpo humano, que é responsável pela produção e emissão dos sons que iremos analisar. Silva (2012, p. 23) nos introduz que “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”.

Silva (2012, p.23) categoriza a fonética possuindo quatro áreas que são necessárias para compreender melhor as funções dos sons: fonética articulatória, fonética auditiva, fonética acústica e fonética instrumental. Não iremos abordar profundamente essas áreas, pois o objetivo é expor as divergências dos campos estudados, sendo que pode ser inutilizado quando mencionado na Libras.

2.2 A Fonologia

Esta seção objetiva apresentar a fonologia como um ramo de estudos sobre sistemas fonológicos da língua oral. O termo fone vem do grego *phone* que significa som ou voz. De acordo com delimitação do termo, entendemos que a fonologia é a ciência que estuda as estruturas dos sons. E é desse jeito que os conceitos da disciplina foram modificados ao longo do tempo, mas sem ao menos mudar a base científica: o som.

É por esse caminho que queremos compreender melhor como a fonologia é tratada no ramo da linguística das línguas orais, motivo por que defendemos que as línguas de sinais devem ser abordadas sob outra terminologia, de modo que a sua especificidade possa ser contemplada por uma terminologia que abarque o *modus operandi* dessas línguas - trataremos disso posteriormente.

A fonologia ganhou força no campo linguístico em meados do século XX que difere os conceitos da Fonética por abordar na função linguística dos sons da língua oral, descrevendo linguisticamente, e tendo como objetivo distinguir os sentidos dos sons. Seara et al (2019, p.93) ressaltam que “no início do século XX que se desenvolve uma disciplina da Linguística que, diferentemente da Fonética, passa a se interessar pela função linguística dos sons da fala”.

Segundo Silva (2012, p.118) “o termo fonologia passa a ser utilizada por modelos pós-estruturalistas que analisam a organização da cadeia sonora da fala – ou componente fonológico”. Desse jeito é o que procuramos entender como seria de fato os sons da fala que são estabelecidos a descrição linguística, pois o papel dela é distinguir os sentidos dos sons.

Podemos dizer que a fonologia prescinde de análises fonéticas. Isso é fato que os estudos fonéticos são muito mais antigos que os fonológicos. Sendo que um dos principais objetos de análise da fonologia é saber que há diferenças sonoras e se esta diferença implica em diferença de significado. Sendo que o objeto dela pode mudar, isso influencia também as teorias existentes, e ao longo do tempo, podemos mudar os pensamentos fonológicos. Seara et al (2019, p.93) definem que “a Fonologia é uma interpretação, restrita a uma língua específica e aos modelos teóricos que a descrevem, daquilo que a Fonética apresenta”.

A fonologia estruturalista tem como base fundamental os trabalhos de Ferdinand de Saussure na obra de Curso de Linguística Geral, em 1916 (Saussure, 2002). Sendo que Saussure enfatiza o estudo da linguagem em dois componentes: a língua e a fala. Para o autor, a língua é constituída pelo sistema linguístico considerando todos os seus padrões de formação que são subjacentes aos enunciados dessa língua, a fala, por seu lado, trata de enunciados reais, que certamente irão se diferenciar de falante a falante, de situação a situação. Sob ótica estruturalista, a fonética foca a fala e a fonologia, a língua. A base do estruturalismo linguístico é que a língua, como Saussure interpreta, é um sistema de signos linguísticos que norteiam em duas facetas: um conceito e uma imagem acústica³.

Não tem como esquecer da fonologia sem falar do Círculo de Praga, pois é ela que começa a separar a definição da fonologia da fonética. Os participantes dessa discussão são Nikolaj S. Trubetzkoy e Roman Jakobson, foneticistas importantes que descreviam os sons da língua oral com base da física e fisiologia. É interessante pensar que a ciência da física e fisiologia contribuíram muito com o avanço das pesquisas voltadas para a fonologia.

³ Esse termo relaciona à impressão psíquica do som e não efetivamente ao som material.

Trubetzkoy (1971) apresentou a fonologia com sons como elementos constitutivos das palavras cujas funções gramaticais são expressas de forma clara, distinguindo a fonologia da fonética, que constitui em analisar os sons por meio da física acústica e fisiologia articulatória, o que trouxe nos moldes que conhecemos atualmente. E surge o fonema, a menor unidade de análise da língua, que não pode ser decomposta em unidade menores.

Conforme Istre (1983) Jakobson classifica as unidades sonoras da língua como a combinação de descrições sonoras com especificações fonéticas precisas. Há outros teóricos, a exemplo de Sapir e Bloomfield, que surgiram nos EUA e trouxeram uma teoria paralela ao desenvolvimento dos estudos fonológicos propostos pelos foneticistas do Círculo Linguístico de Praga. Atualmente alguns estudiosos linguistas preferem usar o termo Fonologia quando se trata da descrição “sônico-gramatical de uma determinada língua” (Câmara Jr. apud Seara 2019, p. 96), na modalidade oral.

A Fonologia Gerativa é descrita que os fonemas da língua oral são compostos de conjuntos de traços passando a descrever os dados linguísticos de forma explícita e tem como base principal o teórico Noam Chomsky. Seguindo nesta linha gerativa temos uma oposição criada pelo Chomsky (Seara et al. 2002, p. 97): a **competência** que constitui de regras da língua; e o **desempenho**, do uso efetivo dela. E ele criou o sistema de regras e símbolos com o objetivo de oferecer a representação formal da estrutura fonológica dos enunciados, ou seja, a fonologia, para os gerativistas, é entendida como um módulo da gramática e as regras fonológicas geram ou transformam as formas subjacentes em formas de superfície. Sendo que a fonologia gerativa tenta especificar as representações das capacidades fonéticas gerais da pessoa em traços. Os traços são constituídos de forma binária (+ ou -) simplificando o uso dela nos traços universais. Nesta parte iremos utilizar no capítulo da Sigmanologia.

Sendo que o modo que uma palavra possa ser representada por uma sequência de traços distintivos é necessário expor as matrizes fonéticas de traços distintivos que serve como um dispositivo de tradução das transcrições fonéticas, sendo que a identificação de traços usados em uma língua específica para trazer contrastes lexicais ou definir classes naturais, são chamados de traços fonológicos.

Em resumo, o método estruturalista se baseia em *corpora* de dados de fala para observar a língua e o resultado dessa observação não indica um outro dado observado

além de *corpora*, ela é baseada em um método indutivo de modo empirista. Já na fonologia gerativista não impede o empirismo, mas emprega o método dedutivo sendo que agrupa e sistematiza a língua através da dedução de axiomas, com princípios do inatismo, induzindo uma explicação da nossa competência fonológica.

Iremos pontuar os conceitos básicos da fonologia para que possamos compreender a estrutura fonológica das determinadas línguas orais. Sendo que elas são baseadas nos estudos estruturalistas que são partes fundamentais do conhecimento da área.

2.3 Fonemas

Um dos objetivos da fonologia é definir quais são os sons de uma determinada língua oral que possuem seus valores distintivos para distinguir certas palavras que podem caracterizar, enquanto existir sons em oposição, unidades fonêmicas. O fonema é considerado a menor unidade sonora da língua oral sendo que cada língua oral apresenta um número limitado e restrito de fonemas que possuem combinações de elementos transformando em morfemas, unidades maiores.

Podemos afirmar que os fones mudam o sentido das palavras quando substituído ou retirado passa a ser considerados fonemas de uma determinada língua oral. Caso possa assinalar os fonemas de uma determinada língua oral testamos os sons substituindo-os um pelo outro assim como mostramos os exemplos de “ga[t]o” e “ga[l]o” percebendo ou não a diferença de significados por base dessa substituição.

Com o teste que verificamos podemos dizer que o /t/ e /l/ são fonemas do português brasileiro, pois notamos alteração de significado. Quando usamos esse processo analítico dos fonemas citados nos exemplos podemos fazer um levantamento de todos os sons de uma língua oral que tem a função de distinguir os fonemas.

2.4 Alofones

Chegando neste ponto é importante refletir que tais sons, no caso da alofonia, são considerados variantes fonológicas de um mesmo fonema. Ela não pode ser denominada caso haja diferentes fonemas, pois o alofone tem sua única função: quando há sons distintos de um mesmo fonema, ela não pode ser responsabilizada na distinção de significados. Um exemplo básico de como identificar alofones e seus fonemas nas palavras é usar as barras // para determinar o fonema a ser analisado e os colchetes [] que representam os sons variantes, os alofones. Em resumo, os sons que estão contidos nos colchetes são os sons alofônicos dos fonemas determinados em //.

Há um estudo que complementa o alofone de forma que podemos realizar as reproduções dos sons que possibilita ter uma variação livre e distribuição complementar dos fonemas. Citaremos o exemplo de Seara et al (2019, p.101) que demonstra a variante do fonema [t] sendo que a pronúncia da palavra “tipo” seria [ˈtʃipɔ]. Quando queremos alterar a vogal [i] pela [a], teremos a pronúncia como [ˈtapɔ], sendo assim não podemos inserir nesta pronúncia com o [tʃ] do “tipo”, teremos apenas o [t]. Concluindo que o [tʃ] é pronunciado apenas no contexto vocálico de [i | j] enquanto o [t] aparece nos demais contextos vocálicos. No entanto [t] e [ʃ] estão em **distribuição complementar**, pois executa pelo contexto vocálico determinado.

A **variação livre** ocorre quando os fonemas são distribuídos de forma livre sem a motivação do outro fonema. Citaremos um exemplo a pronúncia da palavra “terra” transcrito em [tɾxɔ], [tɾhɔ] e [tɾrɔ], notamos que as variantes [x], [h] e [r] podem se alternar livremente, pois não há nada na estrutura que influencie essa alteração.

E os sons foneticamente semelhantes podem ser identificados como variantes de um mesmo fonema. Para isso é preciso analisar os sons que são fonemas de uma determinada língua oral que possui distinções fonológicas nas sequências sonoras. Por exemplo os sons [p] e [l] são distintos de forma clara, ou seja, um é oclusivo e outro lateral; um bilabial, outra alveolar; um é surdo e outro sonoro. Neste caso os fonemas [p] e [l] são distintos porque não possui similaridades de modo, ponto e vozeamento. E os sons que são considerados foneticamente semelhantes são denominados de pares de sons suspeitos que não constituem fonemas distintos.

Sendo assim percebemos que, até esse ponto, as análises fonêmicas são catalogadas pelas semelhanças dos sons produzidos, sem ao menos pensar isoladamente um fonema. A partir de agora iremos abordar um assunto, talvez unicamente, que possui traços caracterizado semelhante com a língua de modalidade visual espacial que são os pares mínimos.

Os **pares mínimos** são duas sequências fônicas que distinguem apenas por um som. Seja o fonema sendo no vozeamento ou sonoridade, a exemplo dos fonemas [p] e [b] que o primeiro é desvozeado e o segundo vozeado. Veremos nas palavras “pato” e “bato”, os dois nitidamente se diferenciam pelo vozeamento, já que os dois possuem o modo de produção oclusiva e a mesma articulação, bilabial. Caso haja duas sequências fônicas que distinguem apenas por um som que tiverem seus significados diferentes de uma determinada língua oral esses dois sons diferentes são considerados fonemas desta língua.

Há os pares análogos que são analisados em ambiente comum das palavras em pares dos fonemas quando não é possível encontrar os pares mínimos para os pares suspeitos sendo que é necessário executar os pares de palavras mostrando ambientes semelhantes mesmo que não seja de pares mínimos.

Percebemos que geralmente a troca de som um por outro na sequência fônica não gera diferença de significado nessas sequências, apenas vemos que são variantes de um mesmo fonema.

Outro aspecto fonológico é o **arquifonema**. Essa nomenclatura foi citada por Trubetzkoy (1971, p.80). O arquifonema é definido como perda contrastiva de um fonema e passa a ser neutro, ou seja, a neutralização ocorre quando um ou mais fonemas em um contexto particular de ocorrência não altera o significado das palavras.

O símbolo que marca o arquifonema é uma letra maiúscula que possua representatividade alfabética do fonema produzido. Um exemplo de fonemas que possuem neutralidade nas palavras como ‘gosta’ e ‘mesmo’ que seriam pronunciados como [‘gɔstɔ]-[‘gɔtɔ] e [‘mezɪ]-[‘meɪɪ]. a neutralização, nas pronúncias citadas, é representada pelo arquifonema /S/, pois não possui contraste de significado nos sons produzidos. O mesmo vale para palavras que tenham posição inicial nas vogais como ‘assa’-‘acha’ e ‘asa’-‘haja’, que seriam pronunciados como [‘asɔ]-[‘aɔ] e [‘azɔ]-[‘aɪɔ].

Marcando a perda de contraste que ocorreu no fonema /s z ɪ / nas posições finais das sílabas, usamos o arquifonema /S/ e podemos transcrever de modo representar de

forma clara como /gɔStɛ/ e /meSmo/. Há outro caso, da nasalização, que possui perda de contraste na posição pós-vocálica e utilizamos o arquifonema /N/, substituindo o fonema [m] nas consoantes bilabiais como ‘acampa’ (/a’kaNpa/) que seria pronunciado como [a’kẽ̃ m̃pe]. E como são fonemas do português brasileiro, é determinada essa neutralização dos fonemas nasais representado pelo arquifonema /N/.

Voltemos a falar sobre a transcrição das línguas orais. Há dois tipos de transcrição de dados da fala: fonética e fonológica. As duas transcrições têm suas funções mostrarem as representações internalizadas pelos falantes da língua oral. A transcrição fonológica não se preocupa com as variações alofônicas, pois ela é transcrita fortemente nas ortografias reproduzidas das línguas orais. Um exemplo é a palavra ‘soco’ que quando transcrita foneticamente vemos o resultado da transcrição como [‘sokʌ], mas há outra região do Brasil que pode ser transcrita como [‘soko], com a pronúncia final de [o]. Se formos levar essa mesma palavra para a transcrição fonológica teremos como /’soko/ que pode possuir sons semelhantes à palavra produzida vocalmente.

Sob a escolha da vogal [o] na palavra ‘soco’ é que ela é a vogal média-alta para representar o fonema e pode sofrer mudança de alofonia na regra de elevação da vogal átona final da palavra possibilitando implicações no processo de enfraquecimento de vogais átonas finais. Não há como trocar, na sílaba, o [o] pelo [u], pois no português brasileiro há o enfraquecimento das vogais finais.

Relembrando que nos segmentos transcritos são denominados de fones e, no segundo, de fonemas. Há outros pontos cruciais sobre a estrutura silábica e acento do português brasileiro que não serão abordados neste trabalho, pois a ideia principal desta seção é apresentar apenas os termos bastante utilizados na língua de sinais que iremos destacar a seguir.

2.5 A “fonética” e “fonologia” da língua de sinais

Notamos que o título da seção possui as aspas nos termos, fonética e fonologia, pois o trabalho promete nos levar a uma definição que não pode ser empregada nem comparada em uma língua cujas propriedades e produções dos determinados sinais são distintos do que ocorrem em línguas orais. A razão da distinção é que uma língua oral é analisada por vias acústicas e sonoras, já a língua de sinais é analisada por vias visuais, espaciais e corporais.

Aqui é importante observarmos que a linguística da língua de sinais entrou no campo acadêmico recentemente, nos anos 60, quando estas línguas ‘ganham’ status de língua, que anteriormente eram caracterizadas como nomenclaturas que desvalorizavam o sistema linguístico da língua de sinais, em que gestos e/ou mímicas pareciam ser reproduzidas sem uma estrutura gramatical própria. Atualmente, compreendemos que há escassez de pesquisas de campo linguístico no meio acadêmico que levem em consideração as línguas de sinais por si mesmas, sem a necessidade de buscar nelas as categorias presentes em línguas orais, o que tem limitado e enviesado as pesquisas em línguas sinalizadas, pelo menos em alguns aspectos.

Stokoe (1960) nos trouxe uma visão estrutural adequada à língua de sinais e compreendeu que os sinais utilizados pela comunidade surda norte americana, da American Sign Language – ASL, possuem sua estrutura complexa que desenvolveu um campo linguístico com análises de unidades mínimas visomotoraespaçial da língua de sinais assim como em qualquer pesquisador linguista cujo objeto de estudo referente à língua.

Percebemos que há divergência na compreensão do uso da escrita da língua de sinais, pois muitos estudiosos focam apenas no sistema de notação, para os fonéticos e fonológicos de transcrição, como forma de descrever a língua de sinais, o que pode gerar ausência de transcrição de um termo. Por exemplo, no fonema [p] e [b] podemos analisar a diferença dele sob o uso de vozeamento, lembrando que não é possível captar visualmente os sons, mas representar sob o uso da imagem acústica do fonema [p] e [b], sendo que eles seguem um padrão em qualquer língua oral, sob a tabela de IPA. E na língua de sinais não é diferente, mas possui sua representação visual o que compromete no uso de diferentes sistemas de notações não padronizadas.

Entretanto é necessário que aborde a “fonologia” da língua de sinais que venha a compreender melhor sobre análise de unidades mínimas. Sob a ótica de Sandler (2003), a fonologia da língua de sinais é transmitida de diferente modalidade física, neste caso é importante retratar as unidades mínimas baseadas na fonologia geral, porém há uma ressalva: a modalidade da língua de sinais são visomotoraespaçiais, o que nos leva a refletir sobre a terminologia que será discutida neste trabalho.

Há vários estudos da fonologia da língua de sinais analisados e encontrados durante a pesquisa para descrever, mas há diferentes perspectivas e sistemas

observados que iremos abordar neste capítulo a começar pelo Bébian (1825) por conta de ser o primeiro a registrar a descrição dos sinais detalhando seus traços de unidades mínimas categorizadas, mas não abordaremos profundamente o sistema de notação de Bébian; e Stokoe (1960) por possuir fontes linguísticas mais consistentes nos dias atuais. Eles são pioneiros na introdução das unidades mínimas dos sinais com rico detalhamento do sistema de notação da língua de sinais que iremos apresentar.

2.5.1 A “fonologia” de Stokoe (1960)

Nesta seção, iremos abordar as estruturas idealizadas pelo linguista William Stokoe. Ele buscou comprovar que a língua de sinais possui um sistema complexo, e inovador para a sua época, pois muitos estudiosos e pesquisadores da linguística geral não valorizavam e nem sequer reconhecia que a língua de sinais possui seus valores linguísticos assim como em demais línguas conhecidas pelo mundo. Sendo assim, ele procurou a parceria de Carl Gustav Croneberg e Dorothy Casterline, ambos surdos, para colaborarem com a pesquisa, sendo que depois vieram muitos pesquisadores como Carol Padden, Sherman Wilcox, Tom Humphries, entre outros. Stokoe foi um dos pioneiros em introduzir a língua de sinais como um objeto de estudo no ramo da linguística e ainda hoje tem suas influências nos estudos das línguas de sinais, que por ironia ele não soube expressar em ASL (Maher, apud Oliveira, 2015), mas não deixa de ser relevante nos estudos das línguas de sinais.

Assim Stokoe fundamentou seu pensamento analítico na descrição da ASL sendo que o princípio é “não saber falar uma língua para identificar seus elementos formacionais” (Sandalo, 2003, p.184). E foi assim que surgiu a querologia, um estudo de unidades mínimas da língua de sinais proposto por Stokoe, juntamente o seu sistema de notação para descrever os componentes de um termo. Porém Oviedo (2011) relata que o sistema de notação de Stokoe (1960) é baseado em um outro sistema de notação de Bébian (1825) denominado de mimografia, esse termo será melhor discutido no capítulo 3.

Para compreender melhor a linguística da língua de sinais aplicada na área de “fonologia”, iremos começar pelo Bébian (1825) que foi pioneiro em elaborar um material que descreva os traços que registre a língua de sinais em unidades mínimas. O material é destinado para uma escola de surdos para fins didáticos que descreviam um termo que

possa ser registrado, analisado e estudado durante o percurso das aulas (Oviedo, 2003). No trabalho dele há anotações que descrevem os símbolos usados para separar uma unidade da outra, sendo que o material tinha organização peculiar, manuscrito e classificados por partes do corpo humano.

Auguste Bébian descrevia o uso dos símbolos das unidades mínimas da língua de sinais de forma detalhada e complexa que elas representam as formas das mãos, o espaço, as expressões faciais, as posições das palmas das mãos e até nas posições em que uma unidade mínima vai ao encontro do corpo, ou seja, os pontos de contato. E citaremos exemplos do uso de unidades mínimas seguidos em tabela organizada pelo Oviedo (2009) onde os exemplos descritos de um sinal.

Figura 5 Tabela de Oviedo (2009, p.299)

Transcripción	Ejemplo	Fuente
4ψ	1	A-F1, Planche III
4π	2	A-F2, Planche III
εφ	3	B-F1, Planche III
ηθ	4	B-F2, Planche III
κφκ	5	B-F16, Planche III
νφ'	6	B-F5, Planche III
ζ-εε	7	B -s.n, Planche III
ζ'ηφ	8	B -s.n, Planche III
ζ̄ηφ	9	B -s.n, Planche III

Seguindo a figura 5, vemos que há três colunas sendo que a primeira são representações das unidades mínimas transcritas, a segunda são exemplos numerados para identificar e por último, a fonte. Notamos que há duas séries separadas, A e B, na terceira coluna, apenas como exemplos para percebermos como funciona o estudo das unidades mínimas de Bébian, sob a ótica de Oviedo (2009). A série A representa as unidades faciais sendo que a unidade 4 é o olho, e ψ, a direção. Resumindo que olhando a tabela de transcrição da expressão facial do exemplo número 1 dizemos que

a pessoa deve expressar o olho em direção para cima, enquanto o exemplo número 2, direciona para baixo.

Na figura 4, a série B representa a forma das mãos, sendo que no exemplo 3 

é o mesmo de , só que no dorso da mão, pois a diferença está na representação da unidade mínima composta de Bébian (1825).

O sistema de notação existia, no século XIX, proposto por Bébian (1825), sendo assim confirmamos que esse sistema é pioneiro nos estudos das unidades mínimas das línguas de sinais.

Oviedo (2009) nos traz o trabalho de Bébian para refletirmos se o sistema de notação é fundamental para a nossa língua de sinais, a Libras, já que no Brasil é composto por quatro diferentes tipos de notação, que para muitos é a escrita da língua de sinais, que encontramos: o SignWriting – Escrita de Sinais (Sutton, 1974); a Elis – Escrita das línguas de sinais (Barros, 2010); o SEL – Sistema de Escrita Linear (Lessa-de-Oliveira, 2012) e Visografia (Benassi, 2013). Porém não iremos abordar o sistema de escrita neste capítulo. Assim como existe o sistema de transcrição fonética e fonológica, o primeiro é padronizado pelo International Phonetic Alphabet.

Retomaremos ao estudo da “querologia”, termo empregado e criado por Stokoe (1960) para distinguir a fonologia da língua oral. A querologia possui suas definições de traços específicos baseados e descritos em um sistema de notação do termo usado na língua de sinais americana a qual era objeto de estudo dele.

A proposta de Stokoe (apud XAVIER, 2006, p.11), para analisar as partes mínimas de um sinal, era constituir de três unidades distintas como elementos fundamentais e padronizadas em toda e qualquer língua de sinais, mesmo que haja pesquisadores e docentes que trabalham os fundamentos da “fonética” de Stokoe como defende Oliveira (2016)

Embora se tenha consciência que alguns conceitos ainda precisarão ser mais elaborados e testados, a retomada de termos como *querema* e *querologia* evidenciou o intuito de valorizar os dados das LSs, explorando-se os recursos tecnológicos disponíveis atualmente para ‘ver’ o que os pesquisadores há pouco tempo atrás não tinham condições de identificar (2016, p. 58).

É importante ressaltar que as retomadas de estudos linguísticos da língua de sinais são necessárias nos dias de hoje, pois há oportunidades de acesso à tecnologia

nos possibilitando registrar até as unidades mínimas propostos pelo Stokoe. São elas as ideias compostas:

Configuração de mão (Designator - Dez): ao produzir um sinal, a mão terá uma representação seguida de formato com a utilização de dedos, seja ela de forma fechada ou aberta;

Localização (Tabula - Tab): ponto em que um sinal, ao articular, será associada ao uso de espaço neutro ou no espaço corporal;

Movimento (Signation - Sig): representa a unidade que analisa os movimentos de um sinal.

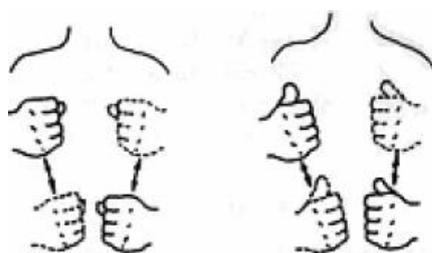
Vimos que há três unidades mínimas distintas, mas coerentes para a produção de um sinal. E podemos compreender que Stokoe contribuiu bastante nas pesquisas sobre as análises e registros de um item lexical, embora não houvesse tecnologias suficientes na época, mas nos mostrou que teve a intenção de valorizar e apresentar as propriedades únicas e específicas da língua de sinais que não ocorre nas línguas orais.

Percebendo que as três unidades mínimas de um sinal podem nos ajudar a analisar melhor a descrição de um sinal, pois essas unidades possuem suas limitações de combinações, assim como acontece em qualquer item lexical em qualquer língua de sinais. E ainda assim Stokoe reforça que a cada unidade mínima encontrada e analisada possui seus valores linguísticos semelhantes aos das línguas orais, por conta de suas estruturas analíticas semelhantes.

Iremos apresentar os exemplos constatados pelo Stokoe a qual os léxicos, embora sejam diferentes semanticamente, possuem seus traços semelhantes nas articulações.

Apresentaremos os sinais CAR/DRIVE e WHICH, ambos advindos da ASL, apresentado pelo Stokoe por conter as similaridades linguísticas, mas com uma alteração mínima de uma das unidades que pode mudar drasticamente o significado de um sinal.

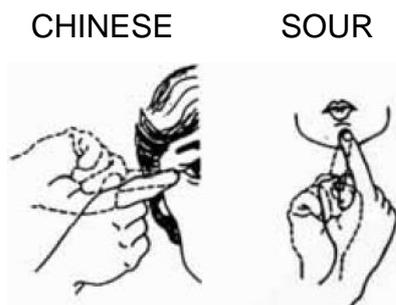
Figura 6 CAR/DRIVE e WHICH



Fonte: Battison (apud Xavier, 2011, p. 12)

Basicamente na figura 6 nota-se que tem dois sinais com seus significados diferentes. Como identificar a diferença semântica nesta estrutura linguística da língua de sinais? Neste caso é bastante visível a diferença das unidades mínimas, denominada de **Dez**, simultaneamente. O primeiro sinal CAR/DRIVE (carro/dirigir) possui o traço **Dez** nas duas mãos simultaneamente representada por  já que o WHICH (qual) é representado por . E nos dois traços restantes, **Tab** e **Sig**, são semelhantes. Notamos que nos dois sinais é preciso observar que, em uma das unidades mínimas, uma alternância de polegares influencia criticamente o sentido de um sinal. Já um outro exemplo de Stokoe, com exemplo de Battison (apud Xavier 2011), sob um traço que exige o uso de corpo, na parte de cabeça.

Figura 7



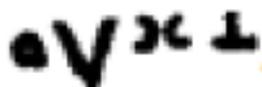
Fonte: Battison (apud Xavier, 2011, p.12)

Na figura 7 o sinal CHINESE e SOUR possuem traços semelhantes, **Dez** e **Sig**, mas de **Tab** diferentes. No entanto o traço **Tab** de CHINESE é marcado ao toque leve ao lado de um dos olhos, já no SOUR é marcado no queixo. Os dois sinais mostram a coerência da proposta de Stokoe quanto à complexidade estrutural da a ASL, comprovando a existência do uso de traços distintivos e semelhantes assim como em qualquer língua.

Para identificar os diferentes traços da querologia de Stokoe é preciso conhecer melhor o sistema de notação dele, pois os traços **Tab**, **Dez** e **Sig** são representados por símbolos. Como citamos anteriormente que o sistema de notação criado por Stokoe foi baseado no trabalho de Bébien (1825) que, segundo Oviedo (2009) relata, há vários exemplos de símbolos que analisou possui suas similaridades encontradas nos dois sistemas encontrados o que nos leva a afirmar que os dois preocupam em tornar o sistema de notação um registro necessário que tenha suas complexidades linguísticas explícitas e descritas assim como nos sistemas de notações fonológicas das línguas existentes.

Seguiremos um exemplo de registros do sistema de notação das unidades de um sinal SEE descrito pelo Stokoe (1960) que permite reforçar a teoria da querologia que contribui melhor a proposta dele.

Figura 8 Notação do termo SEE



Fonte: Stokoe (2005, p.25)

Vimos a figura 8 que há traços que descreve um sinal elaborado pelo Stokoe, e notamos que há baixa qualidade de imagem retirada na tese de Oliveira (2015) para tentarmos compreender, porém a figura 8 dificulta a identificação dos símbolos. Faremos um quadro de traços semelhantes da figura 4, do sinal SEE, com melhor visualização.

Traços	Símbolo	Descrição
Tab	Δ	O traço Δ representa a posição facial na altura do nariz e olhos;
Dez	V	O traço representa uma mão fechada com dois dedos, indicador e médio, afastados representando a letra V ou o número 2.
Sig	\perp	O movimento deste traço é descrito como direção para frente. Segundo Stokoe (1960), é representado um movimento para frente de um item afastando o sinalizador.

Fonte: O autor

Notamos que a cada traço contém o seu valor “fonêmico” na ASL. O primeiro traço, é contido da categoria **Tab**, que representa o espaço que o sinal irá articular de acordo com a exigência mínima e um sinal.

No entanto, Stokoe acreditava que essas unidades são cruciais na produção de um léxico ou um sinal, pois em cada sinal pode ocorrer diferentes traços que são categorizados de *Dez*, *Tab* e *Sig*, assim como acontece nos fonemas das línguas orais. E ao tentar realçar a importância da língua nas comunidades acadêmicas ele empregou o termo **querema** no lugar de fonema assim como **querologia** para “fonologia” com intenção de designar diferentes modalidades nas línguas existentes, que a querologia seria referência das línguas de sinais e a fonologia, das línguas orais. Sobre a terminologia empregada pelo Stokoe iremos abordar no capítulo 3.

Após o trabalho de Stokoe ter revelado a importância desses segmentos para análise linguística da língua de sinais, por meio de unidades mínimas, surge outro trabalho que fez valorizar ainda mais a língua de sinais. Esse estudo é de Robin Battison. O trabalho dele despertou outro segmento não analisado pelo Stokoe, a orientação da palma da mão. Battison (1978) encontrou evidências de que a formação dos sinais obedecia a certas regras de combinação e restrição dos parâmetros, o que fortalecia mais os pressupostos de Stokoe quanto ao caráter natural da ASL, pois os gestos espontâneos e a mímica não possuem restrições para a articulação (BRITO, 1995, p.36).

Battison (1978) encontrou duas regras fundamentais que chamou os de **condição de simetria** e **condição de dominância**. Sendo que essas regras são aplicadas quando há pontos de sinalização que exige o uso de duas mãos. Caso o uso de duas mãos produza o mesmo Dez, seja ela copiando os mesmos movimentos, simultâneos ou alterados, da outra mão ela é aplicada a regra de condição de simetria. Quando não há semelhanças na produção das duas mãos, causando o efeito de que uma mão é ativa, ou dominante, e a outra passiva, dominada, passa a ser aplicada a regra de condição de dominância.

Após as regras de Battison (1978) serem aplicadas nos âmbitos da “fonologia” da língua de sinais surgiram outros pesquisadores interessados em contribuir e ampliar o campo linguístico da língua de sinais dando ênfase de que a língua de sinais possui seu estado linguístico como qualquer outra língua. São eles Edward Klima e Ursula Bellugi.

Klima e Bellugi (1979) fizeram parceria com o Battison a fim de analisar seus estudos aplicados nos textos, em vídeos, com as crianças surdas. Após a parceria, mantiveram a visão estruturalista de Stokoe classificando as regras em parâmetros **primários** – Dez, Tab e Sig, e **secundários** – região de contato, orientação das mãos e disposição das mãos, e o segmentos de simultaneidade – condição de simetria e condição de dominância. Logo depois descobriram que há outro componente, que contribui na pesquisa de Liddell e Johnson (1989), regra de compressão temporal.

A regra de compressão temporal consiste nas aplicações de Tab e Sig durante o uso de dois itens lexicais, com condicionamento de tempo do movimento. Um exemplo a ser aplicado seria o sinal do item lexical BELIEVE. Sabendo-se que esse item exige o uso de dois itens lexicais, quando analisado como item isolado, daria ao significado de THINK e MARRY. Veja o exemplo no quadro a análise comparativa entre os itens lexicais de ASL para compreender melhor a compressão temporal.

Figura 9 Trecho retirado do dicionário Signing Savvy



	<i>'think'</i> (port. pensar)			<i>'marry'</i> (port. casar)				<i>'believe'</i> (port. acreditar)		
	Mov de Aprox ₁	Reten ₁		Reten ₂	Mov ₂	Reten ₃		Reten ₁	Mov ₂	Reten ₃
CM	1	1		C	C	C	=	1	C	C
Orientação	ti	ti	+	Pa	Pa	Pa	=	Ti, Pa	Pa	Pa
lugar	testa	testa		neutro	neutro	neutro		testa	neutro	neutro
contato	—	+		—	—	+		+	—	+
ENM	—	—		—	—	—		—	—	—

Fonte: Marinho (2015 p. 64)

Observando na figura 9 percebemos que houve alteração do movimento a partir da compressão temporal. Ou seja, os sinais isolados possuem maior sequência de movimentos enquanto o sinal BELIEVE possui menor movimento. Caso o sinal BELIEVE usasse todos os segmentos dos sinais isolados, ele teria cinco segmentos ao invés de três.

Sendo assim podemos abordar de forma fundamental sobre a “fonologia” na perspectiva de Liddell & Johnson no próximo tópico, que tem como base as estruturas linguísticas apresentadas por Stokoe (1960) e outras contribuições são analisados a ponto de que duas abordagens põem em risco enquanto as teorias linguísticas da língua de sinais tende a fortalecer no campo linguístico de modo geral..

2.5.2 A “fonologia” de Liddell & Johnson (1989)

Analisando os estudos de Liddell (2003) sobre a “fonologia” notamos que há dois pontos que o autor contribui nos estudos das línguas de sinais que iremos abordar posteriormente. A “fonologia” de Liddell é baseada nos estudos de Stokoe, mas sem os termos empregados de **querologia**, pois, segundo Liddell, não é o suficiente, pois o termo “não pegou” (sendo o próprio autor que colocou na nota [2003,p.7] que “the terminology did not catch on” sem a devida justificativa do termo usado).

Nos estudos dele, ele retoma o trabalho de Stokoe, acrescentando mais um traço que pode ser percebido durante a análise de um determinado sinal: os pequenos movimentos de Dez inicial e Dez terminal. Liddell & Johnson (1989) descrevem que Stokoe utiliza os termos “aberto” e “fechado” quando há traço de movimentos mínimos de um determinado sinal é inserido o aberto e fechado. Segue a ideia de Stokoe sob ótica de Liddell & Johnson (1989):

Figura 10 Representação dos sinais iniciais e finais

Sign	Initial Handshape	Final Handshape
UNDERSTAND	S	1
THROW	S	H
TWELVE	S	V
SO-WHAT	S	O
FINGERSPELL-TO	S	4
GAMBLE	S	5

Fonte: Liddell & Johnson (1989, p.293)

Vendo a figura 10, notamos que os sinais são da American Sign Language – ASL, e todas palavras citadas têm seu Dez representado por  , nos traços de movimento mínimo inicial. Já na segunda coluna, apresenta certa mudança de Dez com movimento mínimo final para dar sentido a um sinal. É possível estabelecer outros sinais que apresentem o traço Dez com movimento mínimo inicial e final. Para compreender melhor, podemos usar a representação dos movimentos mínimos iniciais e finais de cada item lexical da língua de sinais como [inc] e [fnl], sendo assim, é possível pensar neste trabalho como forma de auxiliar os demais pesquisadores trabalhando num quadro adaptado para os movimentos mínimos da Libras.

Item lexical	Dez	Movimento mínimo
--------------	-----	------------------

SÁBADO			
AMANHÃ			

Fonte: O autor

Vemos no quadro acima, quando analisamos os traços de movimento mínimo é possível perceber que Liddell & Johnson (1989), baseado no trabalho de Stokoe, utiliza o Dez baseado em letras representadas da língua oral. Optamos por utilizar as unidades mínimas do Dez do MEC/ INES (2004) cedido pelo Grupo de Pesquisa da FENEIS e Acessibilidade Brasil disponível em mídia CD-ROM.

Vendo o léxico AMANHÃ temos dois Dez, [, , e o traço de movimento mínimo, sendo que o [,] possui [inc] e o [,] [fnl]. Já teremos a dimensão do significado desses traços, propostos pelo Liddell & Johnson (1989) do movimento mínimo. Se pensássemos em trocar a posição dos movimentos mínimos nas unidades mínimas, teremos outro significado – que seria o FÁCIL, utilizado pelos mesmos Dez, ou seja, [,] [inc] e [,] [fnl].

Sabemos que Liddell & Johnson (1989) descrevem os traços configuração das mãos, pontos de articulação e movimento usando a base de Stokoe – Dez, Tab e Sig, permanecendo o termo “fonologia” de forma geral e comparativa com a da língua oral. No texto estudado encontramos dois traços que acrescenta nos estudos principais, sem desmerecer os de Stokoe (1960), para a “fonologia” da língua de sinais: a **sequência** do sinal e os **sinais não manuais**, estes últimos muito usados no estudo de morfologia da Libras.

O traço sequência está relacionado ao do Tab e Sig, contanto que a sequência descreva os pontos em que um sinal irá iniciar e terminar, utilizando as referências locais e pontuais que serão discutidas neste capítulo. Notamos que de todos os traços descritos pelos autores, há preocupação maior na análise de um sinal: um sinal que determine **o que** começar e terminar em um movimento e **onde** começar e terminar em um determinado ponto.

Os autores Liddell & Johnson (1989) se preocupam com um detalhe importante, pouco analisado na pesquisa relacionado a Libras, que é a questão das sequências cujo movimento inicial e terminal de um determinado traço possui sua relevância, pois toda

produção sinalizada de uma determinada língua de sinais contém vários traços de movimentos, seja ela brusca, leve, rápida, lenta etc. A começar pela apresentação de um modelo desse traço sequência que seria HOLD e MOVEMENT. Segue um exemplo de base do traço sequência feito por Liddell & Johnson (1989, p.):

Figura 11 Modelo de sequência descritiva.

Hold	Movement		Hold
Posture	Posture	Posture	Posture
a	a	b	b

Fonte: Liddell & Johnson (1989)

Na figura 11 há dois traços que Liddell & Johnson (1989) denominam de sequência os traços de movimentos que possuem a execução do item lexical inicial e terminal. Nota que na postura de uma sequência, Posture a e Posture b, logo no início é marcado: hold e movement. Nesta parte da fonologia, o sinal pode ser analisado neste ponto para que identifique a proporção do movimento inicial e terminal indicando também o espaço determinado.

Marinho (2014), em sua tese, nos apresenta esse modelo descrevendo que os tons são definidos na camada superior, ou seja, camada articulatória alta, e a camada inferior é determinado por traço segmental: movimento e retenção. Sendo que o movimento, em conformidade com Liddell & Johnson (1989, p. 211), é definido como período de tempo durante o qual o certo aspecto da articulação está em transição. E as retenções são definidas como período de tempo durante o qual os aspectos articulatórios de feixe estão em um estado estacionário.

Cabe destacar que os elementos da tabela anterior proposta pelos autores são a base inicial de identificação de algum sinal analisado, seja ela possuidor de um movimento ou não, pois há acréscimos de traços que iremos abordar. Os autores compõem um estudo vasto sobre as bases “fonológicas” das línguas de sinais.

2.5.2.1 Feixe articulatório

O objetivo desse tópico é apresentar o contraste entre a ideia proposta por Stokoe (1960) com o Liddell & Johnson (1989) cuja abordagem é citada como “parâmetros” da língua de sinais, mas não utilizadas em todos os traços contidos na pesquisa de Liddell & Johnson. Nesta parte será adicionada com estruturas de propostas deste trabalho no capítulo 4. São classificados os feixes articulatórios de Configuração das Mãos (Dez), Ponto de Contato (Tab), Face e Orientação.

O primeiro traço denominado de Configuração das Mãos⁴, consiste na descrição mínima das formas da mão ou nas disposições dos dedos para formar um valor significativo na produção de um determinado item lexical. Esse traço é a base principal para produzir certos itens lexicais combinando com os outros segmentos.

O Ponto de contato é responsável pela indicação do ponto do articulador ativo ao articulador passivo. E são divididos em quatro subconjuntos: localização; parte da mão; proximidade; relação espacial.

O primeiro ponto, localização, tem suas combinações finitas com o articulador ativo. Há vinte pontos de localização existentes sobre o corpo de um usuário da língua de sinais elaborado por XAVIER, (2011).

Quadro 1 Quadro de localizações sobre o corpo

⁴ Optamos definir a nomenclatura de Dez, mas nesta parte iremos denominar de Configuração das mãos por respeito aos autores.

Localizações sobre o corpo possíveis na ASL	
BH (<i>back of head</i>): região posterior da cabeça	CN (<i>chin</i>): queixo
TH (<i>top of head</i>): topo da cabeça	NK (<i>neck</i>): pescoço
FH (<i>forehead</i>): testa	SH (<i>shoulder</i>): ombro
SF (<i>side of forehead</i>): lado da testa	ST (<i>sternum</i>): esterno
NS (<i>nose</i>): nariz	CH (<i>chest</i>): peito
CK (<i>cheek</i>): bochecha	TR (<i>trunk</i>): tronco
ER (<i>ear</i>): orelha	UA (<i>upper arm</i>): parte superior do braço
MO (<i>mouth</i>): boca	FA (<i>forearm</i>): antebraço
LP (<i>lip</i>): lábio	AB (<i>abdomen</i>): abdômen
JW (<i>jaw</i>): mandíbula	LG (<i>leg</i>): perna

Fonte: XAVIER (2011, p.65)

Outro esquema que possa contribuir na análise de unidades mínimas, na mesma classe organizada por Liddell & Johnson (1989), é a execução de uma mão ativa para a mão passiva, esse ponto é denominado de parte da mão. A articulação da mão ocorre quando escolhemos analisar a indicação das partes principais e dos pontos localizados da mão. Pode parecer complexo, mas é essencial para designar os pontos cruciais de um determinado item lexical e suas partes executadas e descritas para melhor representação de um segmento.

Outro ponto de contato de proximidade é representado tendo as partes do corpo como referência, especialmente a parte central, ou seja, quando há produção de um sinal no campo espacial existe a relação de traços manuais com os traços de apoio como a região central do corpo. Liddell & Johnson (1989) nos apresenta quatro traços de proximidades: **proximal [p]** indica uma localização em poucos centímetros de uma região sobre o corpo; **medial [m]** é indicada em uma localização frontal do corpo cuja sua distância é mediana; **distal [d]** indica uma localização frontal do corpo cuja distância é maior que [m]; **estendido [e]** indica uma localização frontal do corpo cuja distância é equivalente a um braço estendido em posição horizontal.

Por último, a **relação espacial** determina a direção em que a parte da mão é deslocada de um ponto localização. Sendo assim a descrição ocorre quando o movimento roçar de determinado item lexical.

Após a apresentação deste capítulo, do trabalho “fonético” e “fonológico” de Liddell & Johnson (1989), podemos observar que há distinção de produção e execução de um conjunto de unidades mínimas da língua de sinais com as de conjunto de fonemas

das línguas orais. Mesmo que os autores citados empreguem os termos fonética e fonologia em uma língua que exige a produção, execução e articulação de um sinal notamos que há contradição de concepção do uso delas.

É nesse contexto que o presente trabalho apresenta a questão conceitual dos termos referentes ao estudo linguístico da língua de sinais empregados pelos autores no capítulo a seguir cujo objetivo é contrastar diferentes nomenclaturas para o mesmo ramo linguístico da língua de sinais.

3. ESTUDOS TERMINOLÓGICOS E SUAS DIVERGÊNCIAS

Neste capítulo será preciso abordar a questão terminológica de duas áreas específicas: a fonética e fonologia. Depois de definirmos os termos específicos da língua oral, no caso a língua portuguesa, seremos transportados para a outra língua: a de Libras. O objetivo é analisar as concepções dos termos específicos e estudar possíveis rupturas entre elas em outros campos acadêmicos não linguístico.

É importante salientar que os estudos dos termos determinados na língua de sinais é fundamental para a construção de um novo termo para que possa evitar um equívoco de conceito baseado nas estruturas encontradas anteriormente. Se a função de um novo termo fazer jus o trabalho da empregabilidade da língua de sinais o uso do termo não perderia o seu valor sem deixar a justificativa dela. É por este caminho que acreditamos e que a análise de termos existentes no campo linguístico deve ser levada em conta.

3.1 os termos e suas concepções

Etimologicamente a fonética e fonologia baseiam-se nos estudos dos sons. Analisando historicamente as origens dos termos de modo a contribuir nas análises terminológicas deste trabalho, partindo pelo princípio da obra de Saussure – Curso de Linguística Geral, com suas descrições dicotômicas, encontramos diferenças teóricas sobre a concepção da fonética e fonologia. Após o estudo do Curso, vimos o Círculo Linguístico de Praga que presenciava um evento, 1º Congresso Internacional de Linguística em Haia de 1928, que norteava a concepção definitiva, de modo complexo, da ciência linguística. Neste período Jakobson e Trubetzkoy estiveram presentes abordando a terminologia e suas definições para mais um novo campo de estudos linguísticos (Dubois et al, 2004).

Iremos levantar os termos específicos de determinada área para que possamos progredir o uso delas realizando um contraste conceitual entre duas línguas, a língua portuguesa e a de sinais. O objetivo desse levantamento é apresentar os termos da Libras que foram registrados nos glossários existentes, porém somente um está disponível em domínio público. O da língua portuguesa será consultado pelo dicionário

de Linguística organizado pelos diversos autores Dubois et al (2006). A começar pela área, a fonologia é definida como

a ciência que estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. Ela estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente (...). Durante muito tempo a fonologia foi confundida com a fonética. Quando o termo *fonologia* começou a ser empregado, por volta de 1850, o foi de modo concorrente com o de *fonética* (...) e ambos têm, aliás, o mesmo sentido etimológico. Dubois et al (2006, p. 284-285).

Notamos que a ciência dela é compreender o sistema de sons produzidos de uma determinada língua, o dicionário reforça que etimologicamente essa área é baseada em análise de som, sendo que há pesquisadores que divergem essa concepção, definindo de que o termo possui uma concepção abstrata, longe de empregar a visão sonora. Já que Dubois et al (2006) esclarecem que o termo **fone** vem de “sons da linguagem, isto é, a cada uma das realizações concretas de um fonema, variável conforme o contexto fônico, o locutor, as condições gerais da emissão” (2006, p.280). O dicionário específico de linguística nos determina que é possível compreender mutuamente que a área exige o uso dela para fins analíticos. Por falar em **fonema**, outro termo que é bastante reforçado pelo dicionário, está claro que “Um mesmo fonema se realiza concretamente através de sons diferentes, formando uma classe aberta, mas que possuem todos eles em comum os traços que opõem o dito fonema a todos os outros fonemas de uma mesma língua” (p. 280).

É perceptível que devemos analisar outros pontos sem interferência de outras perspectivas teóricas que comprometam o uso conceitual dos termos advindos de origem sonora. Há outras categorias que podem estar associadas ao mesmo padrão terminológico das duas áreas: alofone, prosódia, consoante e vogal. Porém o alofone e a prosódia são citados por existirem os termos na Libras.

O **alofone** é um sistema que define os sons com suas variantes combinatórias de fonemas existentes de uma determinada língua e pode ser alterada, mas nunca idêntica a outra língua, como define Dubois et al (2006, p. 41). Mais uma vez podemos alegar que o conceito de alofone é representar os sons variantes de uma determinada língua, sendo que a etimologia é representada de forma clara e concisa. Mas isso não quer dizer que o termo é apropriado apenas no uso da língua portuguesa, por isso que necessitamos avaliar a coesão dos conceitos em relação à duas línguas. No entanto podemos supor que não há alofone nem sua estrutura descritiva na língua de sinais, pois

compreendemos que ela possui sua análise de produção sonora padronizada, o que não coincide com a de língua de sinais, por possuir unidades mínimas visomotoraespaiais que não são alinhadas ao padrão da língua oral. Essa discussão poderá servir para futuras pesquisas.

Outro campo bastante conhecido é a **prosódia**. Ela estuda os traços sonoros que afetam o processo de sequência, sendo que os limites não correspondem à desconstrução da cadeia da fala em fonemas inferiores ou superiores (Dubois et al. 2006, p. 492). Ela é responsável pela percepção tonal dos sons, sendo que pode ser alterado sob influência de outros fonemas presentes durante a produção de um termo. E ela será composta como um sistema perceptual que será descrito no item 4.3 deste trabalho.

Outro campo que envolve o uso de sons são vogais e consoantes. Ela constitui um sistema finito de combinações para produzir diversos fonemas combinatórios. No conceito, a vogal é representada pelo fonema que produz som nas vias laríngeas até a cavidade bucal. A vogal é um sistema que possui sua relação, podendo ser isolada ou combinada, com a consoante. Segundo Dubois et al

a consoante é um som cuja articulação comporta obstrução, total ou parcial, em um ou em vários pontos do conduto vocal. A presença desse obstáculo na passagem do ar provoca um ruído que constitui a consoante ou um elemento da consoante (2006, p.144).

Sendo assim os termos da Libras precisam ser analisados, de modo conceitual, pois é necessário propor uma ideia que não interfira o de outras línguas.

Para Laver (2006, p. 150), a **fonética** é um estudo científico sobre a natureza, o uso e a variedade de todos os aspectos da fala oral. Sendo assim já podemos considerar novamente que a fonética é uma ciência que permite analisar os elementos dos sons produzidos, independentemente da sua função. E a fonologia estuda os sons da língua analisando os aspectos segmentais e sistemáticas de uma determinada língua oral.

Chegando a esse ponto, podemos perceber que há a questão que deveria ser analisada: as terminologias, sendo como sua base os sons, deveriam ser empregadas em uma determinada língua que não possua som, no caso a língua de sinais? Com que elementos que produzem unidades não sonoras podem ser empregados enquanto os termos persistem nos trabalhos de pesquisadores, mesmo sendo de modalidades diferentes? E o que nos basear nesses estudos destas áreas que aplicam desconfortavelmente em outro campo linguístico? É nesse ponto que pretendemos

demonstrar que, na língua de sinais, existem unidades mínimas que não produzem sons, mas de elementos peculiares que não podem ser aproveitados com os mesmos termos, que diversos autores (Battison, Klima & Bellugi, Liddell, etc.) insistem em dizer que a língua de sinais possuem suas estruturas semelhantes às de línguas orais.

Levando em conta sobre os termos utilizados há o termo **fonêmica** encontrada no trabalho de Silva. Ela define que “o termo fonologia passa a ser utilizado por modelos pós-estruturalistas que analisam a cadeia sonora da fala – ou componente fonológico” (2005, p. 118).

Ela atribui que a fonêmica, ou a fonologia, refere-se a modelos que dão ênfase ao estudo da cadeia sonora da fala. Mesmo expondo os conceitos gerais da teoria fonológica, Matzenauer (2005) aborda que

A fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, e sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe (MATZENAUER, 2005, p. 11)

Novamente sabemos quando analisamos fonologicamente os sons elas são produzidas pelo trato vocal e pela ação conjunta de outras estruturas articulatórias, cujo objetivo é perceber as distinções de sons, ou seja, fonemas.

Quando abordamos as unidades mínimas das línguas orais estamos falando nada além dos fonemas. Sendo assim há autores que pretendem manter o termo ‘fonologia’ dispondo de constituintes que se encontram nesse nível de análise linguística.

Quando analisamos os trabalhos de pesquisadores da ASL, eles denominaram os estudos da língua de sinais introduzindo a disciplina de “fonologia” sem som. Bellugi et al define que

A pesquisa sobre a estrutura dos sinais léxicos demonstrou que, à semelhança das palavras das línguas faladas, os sinais são fracionados em elementos subléxicos. Os elementos que distinguem os sinais (em forma de mãos, movimentos, locais de articulação) estão em disposições espaciais contrastantes e ocorrem concomitantemente com a execução do sinal. Por exemplo, os sinais SUMMER, UGLY e DRY (VERÃO, FRIO e SECO) são feitos com os mesmos movimentos manuais e assumindo aspectos idênticos em três localizações espaciais diferentes (BELLUGI et al., 2002, p. 180).

Até esse ponto podemos afirmar que as estruturas estudadas e apresentadas pela autora nos concedem a dimensão de que as unidades mínimas de qualquer língua existente e analisada possui suas estruturas semelhantes. Porém a questão que este trabalho permite afirmar que há a diferença de modalidade enquanto a mesma autora não citou o termo fonética.

Podemos perceber que as terminologias permanecem em outros autores que sucederam Stokoe passaram a pleitear o uso do termo *Fonologia* também para as línguas sinalizadas, justificando que se trata de um “nível de gramática que tem uma ligação direta com os sistemas articulatorio e fonético-perceptual, seja nos sistemas periféricos visual/gestual ou áudio/oral” (BRENTARI, 1998, p. 2). A definição dela nos faz compreender que a questão, mais uma vez, é perceptível e está nas modalidades das línguas.

Iremos destacar os termos propostos por diversos autores que trabalham pela língua de sinais. Primeiramente destacamos o termo usado pelos autores cuja finalidade será discutida, sendo que há outros que não justificam no seu trabalho, por ser impreciso ou de não possuir tal fonte.

A começar por Rosch-Ambroise Auguste Bébien (1825) com o termo **mimographie**. O termo tem como a sua etimologia a mímica sendo que na época é tida a língua de sinais um meio de comunicação dos surdos cujo canal seria os sinais mímicos como um sistema distinto da língua oral. Neste caso, é preciso entender que a terminologia não possui sua fundamentação baseada na linguística da língua de sinais, pois carecia de materiais de pesquisas mais aprofundadas, mas já podemos prever que o termo tem a mesma funcionalidade de destacar a estrutura voltada para a língua de sinais. No entanto que o termo **mimo** se refere aos sinais mímicos e a **graphie**, de grafia, de escrita simbólica e representada de um termo de uma determinada língua.

Compreendemos que o trabalho tem o intuito de reforçar a ideia de uma nova terminologia que destaque os estudos dos sistemas linguísticos da língua de sinais de modo geral que possa coexistir a concepção de um termo para o outro.

Tanto nas modalidades apresentadas subjetivamente nos autores quanto nos sistemas propostos e elaborados pelos pesquisadores citados é possível compreender que Stokoe (1960) tentou distinguir a relação do uso dos termos empregados, a fonética e fonologia, com a língua de sinais. Ele nos trouxe uma nova abordagem analítica de unidades mínimas de uma determinada língua de sinais com perspectiva ótica e manual.

De fato, Stokoe (1960), ao chamar de *cheremes* as unidades paramétricas que formam os sinais, notamos que o mesmo define a origem desse termo querema que chega a compreender que pesquisou outros termos para formar a palavra. Segue a definição de Stokoe:

Chereme, i. e. /ke'riym/, and allocher are proposed as names for the concepts corresponding with phoneme and allophone (The combining form, cher-, 'handy', as old as Homeric Greek has been preferred to the learned chir- or cheir-). Other terms useful or necessary to avoid confusion or false analogy will be introduced at appropriate parts of the discussion. It seems well to take sign as equivalent to word when the frame of reference is the sign language, or signs. (1960, p. 16⁵)

No entanto é preciso analisar o termo querologia nos remete que ela tem a sua associação aos estudos das mãos. Porém Pinheiro (2000, p.9) nos define que o termo querologia é comumente relacionado à esoterismo, isto é, um estudo das mãos realizando leituras de traços das mãos revelando as personalidades da pessoa e suas revelações sobre o futuro. A querologia, como define a autora, possui relação com a quiromancia, estudo das adivinhações através das mãos. A definição de Pinheiro (2000) poderia comprometer a outros estudos voltados para a língua de sinais. E talvez o termo perdeu seu sentido por conta desse conceito de diferentes áreas, mas não deixa de valorizar os sistemas propostos pelo Stokoe.

Mas como iremos denominar caso haja outras unidades mínimas que possuem seus sistemas além das mãos? O termo se restringe aos articuladores manuais, por isso não se pode empregar enquanto há outras unidades mínimas existentes, sem menosprezar o trabalho crucial dele.

Entretanto, apesar de Quadros e Karnopp (2004, p. 48) afirmarem que há consenso quanto ao uso do termo *fonologia*, e de outras formas a ele correspondentes, como organização fonológica, nível fonológico, estruturas fonológicas e parâmetros fonológicos, essa questão parece ainda incomodar alguns autores. Por exemplo, em Correa (2007, p. 14), encontramos 'cinológico' em lugar de 'fonológico', 'cinema' ao invés de 'fonema', e 'cinésico-visual', em menção aos canais de produção e recepção. A autora

⁵ Tradução do autor: Chereme, i. e. / ke'riym / e alocaador são propostos como nomes para os conceitos correspondentes ao fonema e alofone (a forma combinada, cher-, 'handy', tão antiga quanto o grego homérico foi preferida ao chir- ou cheir- aprendido). Outros termos úteis ou necessários para evitar a confusão ou uma analogia falsa serão introduzidos nas partes apropriadas da discussão. Parece bom considerar o sinal como equivalente à palavra quando o quadro de referência é de lingua de sinais, ou de sinais.

justifica sua conduta apoiada na abordagem dos estudos cinésicos, que “(...) segundo Eco (1976) é entendido como um estudo dos gestos e dos movimentos corporais de valor significante convencional” (CORREA, 2007, p. 32).

Destacando os termos ‘querologia’ e ‘querema’, elaborado por Stokoe (1960), Oliveira (2015) reforça a retomada do termo Querologia, que se refere à Fonologia. Em sua nota ela destaca a importância de distinguir o termo da fonologia sendo que

optou-se por usar os termos **querologia** e **querema** por constatar que resultados de pesquisa para quirologia na *web* remetem predominantemente à leitura divinatória das linhas da mão, enquanto a busca por querologia remete predominantemente à área dos estudos de línguas de sinais (...) tais como, querologia, querológico, em correspondência com os termos das línguas orais, fonema, fonologia, fonológico, respectivamente, sempre que apresentar uma análise própria da autora. (...) é inevitável mencionar os termos ambíguos, não direcionados à língua de sinais, como fonema, fonologia, etc. Mesmo que isso possa exigir uma concentração maior do leitor desse trabalho, a fidelidade às fontes referenciadas exige esse procedimento. (OLIVEIRA, 2015 p. 68)

A autora ainda defende que a querologia seja adequada enquanto referentes a unidades mínimas da língua de sinais. Após a terminologia elaborada pelo Stokoe, Battison (1974) foi um dos primeiros a insistir o termo fonologia em suas pesquisas. Ele defendia o termo ‘fonologia’ se referiria ao nível da estrutura sistemática relevante para lidar com a forma dos sinais, bem como as restrições e a alternância entre essas combinações. Afirmou ainda que a fonologia das línguas de sinais não teria relação com a estrutura do som ou da fonologia de qualquer língua oral.

Outro autor que também apresenta a preocupação com a nomenclatura apresentando suas distinções comparativas entre a modalidade oral com a visuo-espacial é o Capovilla (2015). Na parte a ser estudada sobre a nomenclatura, percebemos que o autor retrata vários problemas encontrados sobre o uso do termo fonologia para as línguas de sinais, o que levou a substituir por outros termos, por mais complexo que seja em mencionar ou memorizar

a taxonomia proposta as diversas unidades da língua falada, da língua escrita e da língua de sinais. (...) A partir deste ponto, cada um dos morfemas componentes de cada um dos termos é grafado em letra inicial maiúscula, de modo a facilitar a compreensão da composição morfêmica de cada termo (...) *VisibiliSignum*ículos (*visibilis*: visível; *signum*: sinal, -ículo: unidade mínima) para surdos videntes (...) (CAPOVILLA, 2015, p. 93).

Analisando as taxonomias terminológicas criadas por Capovilla (2015, p. 93), é percebida a grande complexidade: a descrição linguística necessita, a nosso ver, também de termos mais precisos e, ao mesmo tempo, de fácil assimilação para o uso na ciência.

Retomamos o emprego do termo nos trabalhos de Battison (1978, p.20) que não concorda em usar um novo termo, proposto pelo Stokoe (1960), a querologia, por três razões:

- a) por interferir o trabalho de Battison, apesar de usar estruturas gerativa; evitar um novo termo que cause a desconstrução de conceito;
- b) evitar novos termos que divergem do termo usado; e
- c) destacar semelhanças existentes entre produção da fala e de sinais.

É notório saber que Battison possui sua perspectiva sobre o uso do termo fonologia, sob ótica gerativa de Chomsky, que persiste o uso dela com justificativas que não são definidas. O termo permanece utilizado nos trabalhos de Klima & Bellugi (1979), Liddell (2003), Sandler e Lillo-Martin (2006) e Brentari (2010) e Sandler (2018), mas isso não quer dizer que eles estão corretos em manter essa ideia. Há outros que querem utilizar o termo querologia como Stokoe (1960), Oliveira (2016) e Supalla (2018), sendo que Oliveira propõe que a querologia seja reforçada nos estudos atuais da Libras, em sua tese, trazendo a perspectiva básica da querologia, um sistema de produção de um termo em Libras sendo que a mesma alega que não há alusão do termo chereme com o fonema nos trabalhos de Stokoe, porém há um que é bastante clara sobre a definição do termo conforme descrito pelo autor já citado anteriormente. O próprio autor quis propor novos termos como o 'cheremes' e o 'cherology' em alusão ao do fonema e fonologia. Isso nos comprova que Stokoe preocupava com os termos determinados para a língua de sinais fazendo os distinguirem das áreas como citadas anteriormente.

Repensar em uma nova proposta terminológica, seja ela na língua oral ou de sinais, requer diversos estudos de uma determinada área. Criar um termo pode trazer diferenças argumentativas de diferentes pesquisadores assim como tratamos anteriormente. Mas se os termos empregados nos deu evidências claras de que as modalidades encontradas, na colisão de duas línguas estudadas, não possuem seus sistemas semelhantes? Os consoantes e vogais seriam adaptados para os movimentos e suspensão proposto por Liddell e Johnson (1989), mas isso seria suficiente para

assemelhar? E os “aparelhos fonatório” teriam as mesmas perspectivas significativas e abstratas que os já conhecidos “feixes articulatórios”, pelo Liddell, enquanto o termo “fonética” permanece em uso? São tantas questões que precisam ser observadas em determinadas línguas que serão descritos e compilados no próximo capítulo. É óbvio que há termos cujo conceitos são definidos em suas áreas, mas se essas áreas possuem suas similaridades com diferentes línguas sendo que suas modalidades são divergentes? Essas inquietações nos fizeram empreender pesquisas com o intuito de entender o campo que se desenha em relação às línguas de sinais, especificamente, sobre os aspectos concernentes à descrição de sua estrutura linguística em termos de produção articulatória e perceptual, o que nos leva a crer a não equivalência entre a realidade linguística das línguas orais e da línguas de sinais em se tratando de elementos fonotáticos (queremos dizer articulatório-perceptual), o que, por conseguinte, parece demanda da Linguística uma adequação terminológica que contemple as línguas de sinais possibilitando melhor forma de representar e conceituar os elementos específicos de uma área.

Recentemente há novos termos que fazem alusão a essas duas áreas que são criados com objetivo de discernir a base linguística das línguas orais com as de sinais. O propósito é trazer uma concepção que possa distinguir duas áreas já conhecidas pelos pesquisadores voltados para a língua de sinais. Há outros termos criados e empregados cuja finalidade seria a mesma com o trabalho, porém há ressalvas que iremos discutir

O conceito do termo **visema**, criado por Barros (2005), define o seu uso em alusão a fonema, sendo que o termo é comumente utilizado no âmbito de pesquisas voltado para a escrita de sinais, nos trabalhos de Barros (2005). Como a própria autora define minuciosamente a concepção dela de que o visema é empregado com uma unidade mínima da língua de sinais, de aspectos visuais. Segundo a autora ela reforça que a mudança do quirema para visema, isto é, da

raiz de *quir-* para *vis-* pois todo o resultado da realização das LS e visual e argumento que, mesmo sendo nomenclaturas equivalentes, *visema* e *fonema*, não são iguais e suas diferenças precisam ser acentuadas a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e seu processamento (BARROS, 2005, p. 14).

Podemos destacar a proposta de Barros de que os novos termos específicos de Libras são empregados de perspectivas linguísticas. E é notório saber que o visema de

Barros (2005) possui outra concepção encontrada em nossa revisão de leituras. Quando se trata de analogia do visema com o fonema, podemos perceber que as concepções são bastante limitadas, pois ela é compreendida como unidade mínima visual, ou seja, o visema tende a representar unidades visuais nos dando uma outra perspectiva com suas modalidades semióticas. Mas tais unidades visuais tendem a limitar outras unidades que podem ser encontradas como as articulatórias, perceptivas e de apoios. A pesquisadora afirma que o termo quirema proposto por Stokoe é equivocada, pois a raiz se remete à análise das mãos enquanto o sinalizante se expressa com o corpo.

No nosso entender, o termo visema possui sua concepção limitada, pois ela tende a ser apenas a reprodução da percepção visual. Há a outra definição do uso do termo visema que define uma área que trabalha em análise de articulação labial do corpo humano identificando um conjunto de fonemas produzidos nos vídeos ou em computação gráfica, como afirma De Martino (2005, p.7), Chinelatto e Costa (2018).

Mas antes disso, podemos revisar os trabalhos de Capovilla para que possamos abranger a nossa percepção nos termos criados por este autor. Capovilla (2011) apresenta seus trabalhos voltados para descartar os dois termos utilizados nas pesquisas voltadas para a língua de sinais: quirema e visema. O trabalho dele nos esclarece a ponto de justificar as razões da retirada desses termos. E propôs novos termos que podem ser conferidos, analisados e discutidos como forma de nos trazer uma reflexão da necessidade de criação dos termos voltados para a Libras, chegando a um ponto com ênfase em linguística geral, assim como temos nas de línguas orais. Citaremos o trabalho de Capovilla (2011) com objetivo determinar o uso de terminologia com sua analogia ao do morfema grego/latim.

Unidade mínima	Termo	Referência
Relacionado a sinal	<i>SematosEmas</i>	Sematos = sinal Emas = unidade mínima
Relacionado à mão e local	<i>QuiriToposEmas</i>	Quiri = Mão Topos = Local Emas = unidade mínima

Relacionado a movimento	<i>QuiriCinesEmas</i>	Quiri = mão Cines = movimento Emas = unidade mínima
Relacionado à máscara	<i>MascarEmas</i>	Mascar = expressão facial Emas = unidade mínima

Fonte: (CAPOVILLA, 2011.)

Podemos ver que os termos criados por Capovilla (2011) possuem junção de radicais e/ou verbetes para introduzir diversas áreas de unidades mínimas, assim como o Mascaremas, que é uma categoria que representa análise de expressões faciais, mas não constitui unicamente às expressões como unidades mínimas. O que falta para incorporar um estudo amplo e complexo são os movimentos mínimos da cabeça (que podemos chamar de “mascar’cine’emas”?). São fatores que merecem repensar a ideia de conceituar melhor apenas uma área para denominar e descrever os tipos de elementos articulatórios que será apresentado no próximo capítulo.

Após a análise de termos criados com o propósito de possibilitar a substituição, satisfatória ou não, do já existente fonema e fonologia da língua de sinais iremos introduzir a proposta, além de observar o trabalho de diversos autores, no capítulo 3, afirmando que a criação do termo é essencial para uma nova introdução de um sistema linguístico da língua de sinais. É nesse trabalho que pretendemos aprofundar um artigo publicado cuja finalidade seria apresentar uma ideia vaga sobre o novo termo e seus itens lexicais. Mas antes disso, é preciso perceber que há o uso do latim e do grego, bem como da correspondência de nomenclatura entre línguas, retomamos o pensamento de Wüster (1998) para abordar o conceito de termo. Transformando o seu pensamento para a língua de sinais, o sinal é o signo linguístico correspondente ao conceito em um contexto técnico-científico, ou seja, é um módulo cognitivo.

Esse incômodo pode ser provocado pelo conhecimento etimológico que se tem a respeito do radical grego *fono-*, cuja origem faz referência aos sons, ou porque alguns pesquisadores estejam convencidos de que, em razão das modalidades de produção e de recepção, as línguas sinalizadas possuem propriedades linguísticas específicas, e assim, buscam termos que condizem com suas observações. Entre as duas hipóteses, ficamos com a segunda, por crermos que o excessivo paralelismo com as línguas orais obscurece as características e dificulta a compreensão sobre o funcionamento das

línguas de sinais. Além do mais, o objetivo da nossa pesquisa é propor uma nova terminologia para este campo de estudo existente na língua de sinais.

4. A SIGMANULOGIA

Além de observar os termos de duas áreas, fonética e fonologia, é possível retomar os estudos de um novo termo para que possamos distinguir duas modalidades, sendo que o emprego de termos mantém “unidos” de diversos autores. A começar pelo trabalho de Trubetzkoj em “Princípios de Fonologia”. Conforme o autor destaca a importância da natureza do fonema.

Portanto, é recomendado estabelecer não uma, mas duas “ciências do som” diferentes, das quais uma deve lidar com o ato de fala, e outra, de língua. De acordo com o objeto, cada caso é diferente, cada uma destas “ciências do som” deve usar método de trabalho completamente diferente: a ciência dos sons da fala, que trata de fenômeno físico específico, deve usar os métodos ciências naturais; pelo contrário, a ciência dos sons da língua tem que usar métodos puramente linguísticas, psicológicas ou sociológicas (TRUBETZKOJ, 1971, p.3).

Como se pode perceber, Trubetzkoj (1971) estabelece que as chamadas “ciências do som” têm objetos de análise distintos: a fala e a língua, respectivamente. Da mesma forma que a fonética e a fonologia devem ser vistas por perspectivas metodológicas distintas, por serem ciências do som de natureza também diversa, ou seja, uma lida com sons da fala (fonética) e outra com sons da língua (fonologia), em línguas, cujos articuladores não são sonoros, faz-se necessária uma abordagem, de igual forma, distinta, o que justifica a proposição de uma terminologia que se adeque à realidade de produção/representação das línguas de sinais.

Em outras palavras, podemos dizer que o som tem sua parte produzida pela fisionomia do corpo e outra que é uma representação/abstração dela de modo psicológico. Existe entre essas duas faces do som uma interdependência, contudo, do ponto de vista da ciência linguística, foi necessário neste trabalho abordar um estudo comparativo a partir de duas grandes áreas, a fonologia e a fonética, a ponto de progredir chegando na parte que fará uma necessidade de levantar questões acerca da nova terminologia. De Trubetzkoj para o século XXI, as teorias fonológicas têm avançado e diversos modelos são adotados nas pesquisas linguísticas (estruturalista, lineares, não lineares) e determinados conceitos importantes, como o de fonema, cunhado por ele, encontram-se em pleno vigor na ciência linguística passados quase 100 anos. Acontece que as línguas de sinais, a partir da década de 1960, começam a ganhar espaço na descrição linguística, o que se faz necessária uma reflexão acerca da adequação das terminologias usadas para descrever estas línguas nas pesquisas descritivas em

Linguística. Acreditamos, pois, que um outro olhar para as línguas que não se manifestam por meio do trato vocal, que, portanto, não têm som, é, antes de tudo, questão de coerência descritivo-metodológica. No entanto, na linguística contemporânea, tradicionalmente, há uma resistência do uso dos termos, a fonética e a fonologia, conforme iremos apresentar nesta seção.

O propósito do trabalho trazer uma reflexão acerca da adequação terminológica e retomar a discussão de que o termo sigmanulogia, publicado em artigo de Nóbrega (2016), recobre as especificidades da produção e representação linguística da língua de sinais. Com isto, pretende-se impactar o meio acadêmico que desenvolve pesquisa com língua de sinais, por meio de um refinamento do modelo descritivo ora proposto e de novas pesquisas na área, que com foco na terminologia, quer de descrição da estrutura da língua.

Autores como Stokoe (1960), Barros (2005), Capovilla (2011) e Nóbrega (2016) parecem inquietados com as terminologias usadas para "produzir" sinais; estes, em diferentes períodos, nos trazem reflexões dos termos propostos que serão tratados e compilados no decorrer desta dissertação.

Este último será aprofundado neste trabalho, pois o artigo publicado estava em fase que propõe o termo sigmanulogia com intuito de apropriar o campo linguístico da língua de sinais assim como a fonologia, no campo da língua oral. Embora que a sigmanulogia faça jus à substituição necessária apenas na fonologia, mas pode contribuir a outros campos da linguística que envolve o uso dela como a gestualidade, a corporalística, entre outros.

Etimologicamente a sigmanulogia provém de dois termos referenciais na língua de sinais: o **sig**, provém do termo signo⁶, que se refere às unidades mínimas contidas de um termo – na perspectiva visomotoraespacial; o **manu**, de manual, um meio de produção básico nas línguas de sinais, inclusive é tido como uma parte da unidade articulatória da língua de sinais. É tido como um dos principais canais de produção da língua de sinais. Mas não quer dizer somente o manual é crucial, pois há outras unidades que podem ser adicionadas e descritas nas outras categorias o que complementa no conceito deste termo. E **logia** remete a um de estudo de campo. É neste sentido que podemos compreender que o termo sigmanulogia é um estudo de unidades mínimas

⁶ O termo signo é tomado como uma adaptação do conceito de Saussure (2012) sobre o significante, visto que o autor propõe o signo como uma representação da imagem acústica. No entanto, consideramos empregar o termo na definição como um conceito abstrato para relacionar ao de língua de sinais.

visomotoraespacial da língua de sinais. A sigmanulogia, conforme Nóbrega (2016), é uma junção de dois conceitos transformados em um novo conceito, específico para a linguística da língua de sinais.

A sigmanulogia pode fazer parte de um conjunto de sistemas, existentes e estudados, desde o trabalho de Stokoe (1960) até os de Capovilla (2011). Podemos propor que a sigmanulogia seria uma das principais bases estruturais e funcionais da linguística contemporânea da língua de sinais, pois há outros trabalhos que necessitam de análise mais aprofundada.

Após um trabalho de pesquisa de análises bibliográficas sobre as concepções dos termos, sendo que foi possível analisar o termo sigmanulogia em diferentes idiomas com objetivo de conferir outra existência dessa nova terminologia, porém não possui registro disponível. Apenas um trabalho acadêmico publicado por Nóbrega (2016) que será baseado neste capítulo. A razão disso é que Krieger (2013, p. 27), reforça que, no campo de estudo, é necessário analisar outros termos, pois “a comunicação especializada objetiva, menos sujeita a ambiguidades e, conseqüentemente, mais eficiente, porquanto favorece conceitos, e processos expressos pelo componente terminológico”.

Partindo dessa ideia de reforçar a criação do termo foi possível perceber que a sigmanulogia está isenta de ambiguidades na definição e no uso, pois essa área pode ser aproveitada como uma disciplina exclusiva da língua de sinais, de modo que seja aplicado em quaisquer línguas de sinais, ou seja, a sigmanulogia seja uma disciplina da linguística geral da língua de sinais assim como a fonologia da linguística geral da língua oral.

Podemos refletir que a estrutura da sigmanulogia, de um modo geral, atribui as propostas de diversos autores das línguas de sinais sendo que a dimensão dela pode ser considerada como uma disciplina voltada para a língua de sinais, podendo surgir outros campos de estudos voltados para/e dela decorrentes. E a ideia mais próxima para compor um estudo da sigmanulogia seria que ela representasse um conjunto de sistemas linguísticos da língua de sinais, com suas características específicas e unidades mínimas visomotoraespacial.

A sigmanulogia será analisada por três sistemas distintos: sistema articulatório⁷, espacial e perceptual. O sistema articulatório é composto por unidades mínimas primárias que constituem a formação de um termo cujas condições são necessárias para encaixar no sistema espacial, sendo que o espaço é sistemático e tem relação intrínseca com o articulatório. Descrevemos os sistemas em forma de tópicos para que possa determinar a composição deles coletados nos trabalhos de diversos pesquisadores reconhecidos das línguas de sinais tais como os de Stokoe (1960), Battison (1979), Klima & Bellugi (1979) e Liddell (2003), entre outros que serão compilados no quadro a seguir.

4.1 Sistema Articulatório

É importante verificar se o termo usado em qualquer língua de sinais possui suas aderências com unidades mínimas visomotoras, mesmo que seja de diferentes estruturas, elas complementam um no outro. Para descrever o sistema articulatório, SA, como uma composição de unidades mínimas primárias de um termo é necessário pensar quais categorias que lhes permitem observar de forma que não restrinja no uso.

Unidades mínimas	Representação sigmanulógica	Descrição
Uma ou duas mãos	[+-mãos]	indica o uso de uma unidade mínima que contenha uma ou duas mãos.
Configuração das mãos	[+-Dez]	indica a presença de unidade mínima que contenha uma ou duas formas das mãos
Orientação das mãos	[+-Or]	indica a unidade que posiciona a orientação da(s) mão(s) ou não
Movimento	[+-Sig]	indica a existência do movimento
Movimentos mínimos	[+-Mm]	indica os movimentos pequenos dos dedos, vide movimento local de Liddell & Johnson (1989)

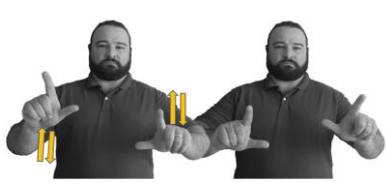
⁷ Aqui é importante destacar que as línguas orais, do mesmo modo que as línguas de sinais, dispõem de um sistema articulatório e perceptual. No entanto, esses dois sistemas operam de modo diferenciado nessas duas modalidades de língua. Ao passo que nas línguas orais a articulação se dá pelo trato vocal e o perceptual pela audição, nas línguas de sinais isso não ocorre, uma vez que a articulação dos sinais dá-se pelas mãos, movimentos do corpo e uso do espaço, e o perceptual, pela visão ou pelo tato, no caso dos surdocegos.

Movimentos repetidos	[+-Mr]	indica unidades que possuam ou não seus movimentos repetitivos
Movimentos simultâneos	[+-Ms]	indica movimentos das mãos simultâneas
Direção do movimento	[+-Dir]	indica a direção do movimento
Contatos	[+-Co]	indica a possibilidade da unidade mínima realizar um ou mais contatos com outra unidade mínima
Expressão facial	[+-EF]	indica a presença de unidades mínimas relacionadas ao uso de componentes faciais que vai das sobrancelhas, olhos, boca e/ou língua.
Expressão corporal	[+-EC]	indica a presença de unidades mínimas relacionadas ao uso de componente corporal
Simetria	[+-Si]	indica a presença de duas ou mais unidades mínimas semelhantes enquanto se usa na presença de [+mãos]
Dominância	[+-Dom]	indica que uma mão possui sua dominância com a outra mão ou no corpo

Fonte: O autor

Seguiremos essa ideia registrando nos exemplos de cada unidade mínima representada em sinais ilustrados e descritos abaixo:

Termo	Descrição	ILUSTRAÇÃO
BANANA	[+mãos, +Dez, +Or, +Sig, +Mr, +Dir, +Co, +Dom] [-Mm, -Ms, -EF, -EC, -Si]	
BOBO	[+Dez, +Or, +Sig, +Mr, +Dir, +EF, +EC] [-mãos, -Mm, -Ms, -Co, -Si, -Dom]	

TELEVISÃO	[+mãos, +Dez, +Or, +Sig, +Mr, +Ms, +Dir, +Si] [-Mm, -Con, -EF, -EC, -Dom]	
DIFÍCIL	[+Dez, +Or, +Sig, +Mm, +Dir, +Co, +EF] [-mãos, -Mr, -Ms, -EC, -Si, -Dom]	

Fonte: O autor

O sistema articulatorio é composto por representação primária de unidades mínimas utilizando como base o uso de mãos, dedos, braços cabeça, rosto e corpo produzindo-os com unidades articuladas para compor outro sistema que podemos descrever, o sistema espacial.

4.2 Sistema Espacial

O Sistema Espacial - SE, é composto pelo uso das unidades mínimas que possuem suas relações com as ações espaciais para a formação de um sinal. O sistema que usa o espaço pode ser descrito de diversas formas chegando ao ponto de que um se inicia e o outro termina, seja ela as unidades mínimas de um movimento, sequência, direção e posição. É importante observar que se um sinal está sendo produzido de forma simultânea ou sequencial pode ser afetado na partida de um sinal para o outro e é relevante analisar esse ponto. E para propor a ideia de elaborar um quadro de análise de sistema espacial será composto por quatro tipos de categorias que será apresentado no quadro abaixo:

classe	unidades mínimas	descrição
Direção	Cima, Baixo, Frente, Atrás, Direita/Esquerda, Diagonal Esquerda, Diagonal Direita, Rotação	indica a direção inicial e final do conjunto de unidades mínimas
Posição	Horizontal, Vertical, Superior, Inferior, Médio, Neutro	indica a posição que o sinal será produzido

Movimentos	Retilíneo, Circular, Semicircular, Helicoidal, Angular, Sinuosa	indica o tipo de movimento realizado
Sequência	Unidirecional e Bidirecional	indica a sequência em que a unidade mínima Sig será realizada

Fonte: O autor

Seguem os exemplos de unidades mínimas espaciais encontrados nos sinais abaixo. É possível ocorrer variações de representações de pessoa por pessoa.

Exemplos:

classe	DIREÇÃO	POSIÇÃO	MOVIMENTO	SEQUÊNCIA	SINAL
AVISAR	frente/horizontal	SUPERIOR horizontal	retilíneo	unidirecional	
GOSTAR	rotação	MÉDIO	circular	bidirecional	
BRASIL	cima-baixo	NEUTRO vertical	sinuosa	unidirecional	
DEPOIS	frente	NEUTRO horizontal	semicircular	unidirecional	
NUNCA	frente-trás	SUPERIOR horizontal	angular	bidirecional	
IMPORTANTE	baixo-cima	SUPERIOR vertical	helicoidal	unidirecional	
PROFESSOR	direita/esquerda	INFERIOR	semicircular	bidirecional	

Fonte: O autor

No entanto, é possível pensar que podemos utilizar o espaço como uma análise isolada, porém é importante salientar que o espaço em si não produz um significado sem a associação do sistema articulatório, inclusive até nas análises de outro campo pouco explorado que é o sistema perceptual que será proposto a seguir.

4.3 Sistema Perceptual

O sistema perceptual é um conjunto de unidades mínimas que são descritas em partes sensoriais do sinal produzido. Ela tende a representar pela qualidade, frequência, repetição, sincronia e dominância. São composições secundárias que podem ser alteradas de acordo com o uso do sinal adjacente, seja por influência no espaço, no Dez, no Tab, etc.

Classe	Representação sigmanológica	Descrição
Qualidade	[+-int]	indica a unidade que possua ou não sua intensidade durante a produção de um sinal
Frequência	[+-tp] [+-dur]	indica a presença de tempo de produção e duração da intensidade, das unidades mínimas de um sinal
Reduplicação	[+-rep]	indica a quantidade de reprodução de um termo
Modificação	[+-mod]	indica que a unidade mínima possuir alteração para outra unidade mínima independentemente do significado do sinal
Sincronia	[+-sinc]	indica a sincronização das unidades mínimas de um sinal para o outro
Invariabilidade	[+-inv]	indica que a unidade mínima possui ou não uma invariabilidade de outras unidades mínimas.

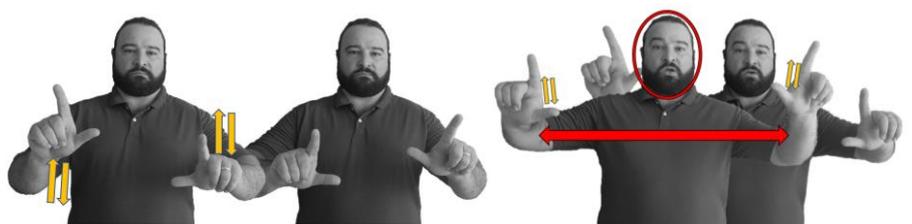
Fonte: O autor

É possível notar que um sinal possui outras atribuições que podem ser adicionadas, caso necessário. O sinal não tende a ser de uso fixo, mesmo que haja a

necessidade de produzir as unidades mínimas em um sinal que seja adicional, isso não quer dizer que o sinal mantém o mesmo significado e pode sofrer alteração sob influência de outro sinal ou de outra unidade mínima.

Neste caso, podemos utilizar o SP - Sistema Perceptual, quando o sinal sofrer alteração morfológica e podemos incluir uma análise que contribua para compreender melhor a existência de outras unidades mínimas de outro campo linguístico tais como morfologia, sintaxe ou semântica, mas isso não quer dizer que a sigmanologia está passível de unidades mínimas exclusivas sem depender do outro campo linguístico. Citaremos uns exemplos de SP, são destacados com marcas vermelhas, que podem ser analisados caso exista a alteração ou acréscimo de unidades mínimas, após a análise de SA e SE - Sistema Articulatorio e Espacial, elas seriam modificadas conforme nos exemplos abaixo.

Figura 12 TELEVISÃO - [+int]



Fonte: O autor

O exemplo da classe qualidade é compreendida sendo que uma ou mais unidade mínima é acrescentada como forma de apresentar uma descrição detalhada. As unidades destacadas em vermelho demonstram que houve alteração em relação à primeira sequência de imagens. A seta em vermelho demonstra a intensidade, ou seja, o grau espacial que é adicionado, representando o tamanho da televisão. Outra unidade inserida é o [EF], destacada em um círculo vermelho na segunda sequência, o que indica outra descrição complementar de um termo: expressão de espanto.

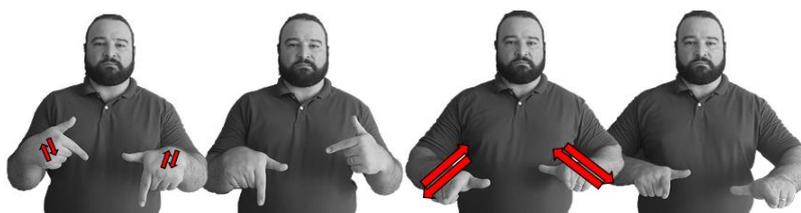
Figura 13 ÁRVORE - [+tp]



Fonte: O autor

Notamos que há diferenças nas unidades mínimas entre os dois sinais sendo que o primeiro possui unidades mínimas que são produzidas de menor tempo como destaca nos movimentos em vermelho. Isso quer dizer que não há acréscimo de unidades complementares e o segundo possui alteração de unidades, mesmo sendo semelhantes ao primeiro, adicionando uma frequência maior na produção de um sinal e uma das unidades, o Dez, é aplicada juntamente com o Sig, que é produzida de forma prolongada, dando a ideia de que o sinal produzido é frequente sendo que o tempo (duração) dele é maior em comparação com o primeiro sinal e será descrito com o [+tp]. Há outra unidade mínima que é inserida, quando é complemento de uma informação adicional, ela é obrigada a ser produzida para dar um sentido de ampliação, que está destacado no círculo vermelho no rosto.

Figura 14 TRABALHAR - [+dur]



Fonte: O autor

A classe frequência é composta por duas unidades - tempo e duração, que são reproduzidas de diferentes descrições caso perceba em um sinal. No caso dos exemplos citados de TRABALHAR, o primeiro é o sinal que possui o Sig que tem menor tempo de produção de um termo enquanto o segundo é apresentado com mais tempo, porém a duração nos dois é bastante percebida conforme mostra as setas de Sig maior do que as do primeiro exemplo. No entanto é a classe que demonstra a duração da frequência de um sinal seja curta ou longa.

Figura 15 CASA - [+rep]



Fonte: O autor

A reduplicação é descrita como a repetição de produção de um sinal quando for sinalizado. Conforme mostrado no exemplo acima, a primeira sequência é descrita apenas o sinalizante produzir um sinal sem reproduzir repetidamente. E a segunda já é reduplicado dando ideia de que a unidade mínima perceptual é a repetição organizando uma classe denominada de reduplicação, [+rep].

Como vimos nos exemplos de sinais em Libras os acréscimos ou alterações ocorrem quando manipulamos o sinal sendo que algumas unidades mínimas permanecem e outras são alteradas ou acrescentadas, o que pode comprometer alteração semântica do sinal.

Caso isso ocorra podemos acrescentar as três classes, modificação, sincronia e invariabilidade, quando um pesquisador encontrar uma alteração possível de uma das unidades mínimas visomotoraespaçial, ela tende a ser inserida uma ou mais descrições que possa esclarecer a razão desse trabalho. Citaremos o exemplo, seguindo a mesma análise de dois sistemas apresentados, quando ocorre a mudança de unidades mínimas, seja ela de qualquer origem. Seguem os exemplos da figura 16:

Figura 16 VIAJAR - [+mod]



Fonte: O autor

A classe modificação no sistema perceptual é descrita como a modificação de uma ou mais unidades mínimas. Ela é fundamental para esclarecer a função dela que pode contribuir em outras níveis de análises da língua de sinais. Conforme descrito na

imagem vemos a primeira sequência, destacada em vermelho, são utilizadas as mesmas Dez para duas mãos, sendo que uma é passiva, outra dominante. Enquanto a segunda sequência de imagem, foram alteradas as duas unidades: uma de Dez e outra de uma mão. Isso determina que quando o sinal possui alteração de uma ou mais unidades mínimas sem alterar a semântica dela, ela é passível de manipulação das unidades para outras com mais clareza durante a sua produção. Já o exemplo da figura 17 nos leva a outra descrição sigmanulógica que possui uma unidade mínima que traz a função de permanecer na troca de um sinal para outro, sem apresentar quebra de sincronia.

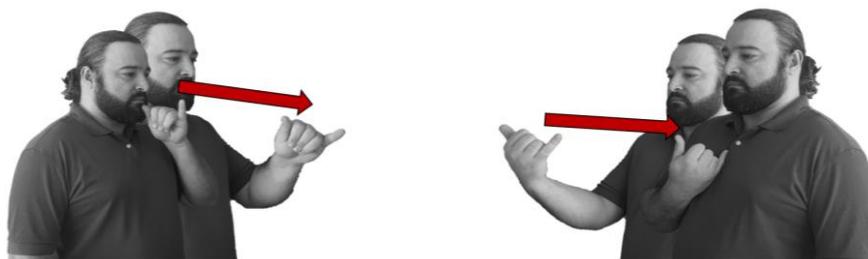
Figura 17 TRABALHAR+TELEVISÃO - [+sinc]



Fonte: O autor

Conforme no círculo destacado é possível encontrar uma unidade mínima que possua o uso dela para progredir o sinal com suas unidades semelhantes durante a enunciação. A razão disso é que essas unidades são muito utilizadas nas produções de textos literários como poesias, músicas e outros. Essa unidade merece ter destaque nas futuras pesquisas com mais detalhes no SP. E por último temos o exemplo de invariabilidade de um sinal abaixo que descreve a alteração de direção produzido. Se a alteração é baseada como uma unidade composicional como o AVISAR, há outros termos que não possuem essas variabilidades como o TRABALHAR, pois é mantido sem alteração para indicar o acréscimo de um sentido. Para se ter uma ideia da invariabilidade, ela pode nos indicar certos termos que podem ou não ter suas unidades mínimas de direção do movimento ser alteradas. Novamente podemos usar o exemplo de AVISAR para podermos ter uma ideia de alteração como descrito abaixo (fig. 18).

Figura 18 AVISAR - [-inv]



Fonte: O autor

A figura 18 demonstram que o termo possui sua variabilidade, isto é, um termo que possui essa classe define que há possibilidade de alterar a direção do Sig para compor um acréscimo de unidade passiva e representativa como o enunciador. O próprio enunciador é a base representativa de itens discursivos como uma gramática adicionada. Seguindo o exemplo do AVISAR, na segunda sequência da figura, temos uma mensagem como AVISAR-ME ou FALAR-ME. No entanto na língua de sinais é possível produzir um sinal que contenha variação, direcional ao sujeito ou ao espaço, pois ela é fundamental para cobrir uma gama de informação contida em um sistema perceptual, a exemplo das informações sintáticas, como concordância verbal.

Respectivamente podemos aprimorar melhor o trabalho de diversos pesquisadores relacionado à língua de sinais e contemplar o uso desses trabalhos em um campo específico como a terminologia e a reestruturação de diversos sistemas para embasar uma área de pesquisa promovendo uma nova abordagem teórica geral da língua de sinais, ou seja, uma nova teoria linguística de uma área determinada da língua de sinais reforçando a ideia de distinguir as disciplinas de língua oral da de língua de sinais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sobre o uso dos termos utilizados na Libras e em outras línguas de sinais durante a leitura bibliográfica, método utilizado, nos proporcionou oportunidade de analisar as influências existentes de uma área de uma determinada língua oral para uma área da língua de sinais.

Se por um lado um sistema de uma das línguas cuja modalidade distinta é utilizada em um sistema para outro, e por outro lado as terminologias tradicionais empregadas com a etimologia relacionada ao som são mais acessíveis na compreensão de um campo específico ao público falante da língua oral. É o que realizamos a partir de um trabalho publicado por Nóbrega (2016) que nos fez reforçar a possibilidade de elaborar um termo que encaixe o uso dele com sua estrutura baseada nos estudos de outros pesquisadores voltados para a língua de sinais sem a interferência da modalidade oral. A experiência em que vivemos e convivemos, no meio acadêmico, nos estudos dos dois campos linguísticos da língua oral - a fonética e fonologia, nos fez enxergar um outro olhar quando descrevemos na língua de sinais.

É evidente pensar que a fonética e a fonologia possuem, basicamente, suas análises descritivas relacionadas à produção de sons de uma determinada língua oral, porém quando elas são descritas de forma concisa não podemos retirar o objeto principal dessas duas áreas: a produção de sons. E como sabemos que esses dois termos empregam perfeitamente em suas concepções e etimologias baseadas no som. É nesse ponto que questionamos a razão principal do trabalho: por que será que os termos fonética e fonologia estão contidos na linguística da língua de sinais sendo que a modalidade dela não exprime o som? Há outros termos que são adotados e criados que podemos distinguir?

Somando a questão entre o emprego dos dois termos na língua de sinais realizamos várias buscas de referências bibliográficas e identificamos autores que trabalharam nas concepções comprovando que se fez necessário distinguir a fonética e fonologia em suas funções, sendo que há adaptações e influências de sistemas que foram baseadas nos sistemas da língua oral. Sendo eles os pesquisadores estudados no uso de terminologia da língua de sinais: Bébien (1825), Stokoe (1960), Capovilla (2011) e Barros (2015). Bébien descreve a língua de sinais usando o termo mimographie, Stokoe de Quirema e querologia, Capovilla de Sematosema, e Barros de Visema. Todos os termos são empregados em alusão à fonética e fonologia da língua oral.

De modo geral, os estudos da terminologia da língua de sinais são recentes no âmbito acadêmico e teve seu início em 2007, porém poucas produções acadêmicas que abordam o mesmo assunto. É importante abordar a Libras para que possamos compreender e aprofundar melhor a terminologia e seu uso na linguística da língua de sinais, que aliás são poucas exploradas o que motivou a realização deste trabalho.

Neste estudo priorizou a investigação de termos e suas origens. No processo foram encontrados diversos conceitos que determinam a conceituação da fonética e fonologia e seus processos produtivos do som. Isso nos permite a pensar que na língua de sinais o processo de produção visomotoraespacial necessita de uma análise terminológica.

Após uma série de busca de terminologias empregadas na língua de sinais realizamos um estudo compilado como proposta complementar do trabalho para que o termo Sigmanulogia seja da área que estuda as unidades mínimas visomotoraespaciais da língua de sinais. Essa compilação de diversos trabalhos sigmanulógicos contribuirá a demais pesquisadores que poderá descrever seus termos com a separação de sistemas propostos: Sistema Articulatorio, Sistema Espacial e Sistema Perceptual. O SA consiste na descrição de unidades mínimas primárias, as articulatórias: mãos, corpo e os movimentos das unidades mínimas. O SE descreve as unidades mínimas espaciais, direcionais e de movimentos aplicados no espaço. O SP será descrito quando são encontradas as manipulações ou alterações de uma das unidades mínimas visomotoraespaciais.

A principal dificuldade encontrada nesta parte é que a língua de sinais possui diversos sistemas de registros. Esta parte é o que nos motivou a pensar outro ponto interessante durante a compilação: será que podemos realizar um trabalho descritivo com o sistema de registro? Mas em qual sistema seria o mais adequado? Esse foi o ponto de partida em que no quadro de exemplos foi registrado, de forma provisória, em língua portuguesa, pois não há um sistema definido de registros descritos da língua de sinais.

Como podemos ver que a Sigmanulogia pode gerar diversos trabalhos acadêmicos como novos estudos de sistemas de notação e outros aspectos que necessitam de análises sigmanulógicas como a interferência de gramáticas de uso na Libras.

Durante o desenvolvimento deste trabalho percebemos que há dois tipos de leituras referenciais de descrição linguística da língua de sinais: a Fonética e Fonologia, duas áreas que abordam no contexto de linguística tradicional; e a Sigmanulogia como possibilidade de ser uma das áreas da linguística contemporânea. As duas vertentes podem ser analisadas futuramente.

No entanto, podemos aprimorar o estudo da Sigmanulogia como uma área que reforça a ideia principal: distinguir suas concepções cujo elementos visomotoraespaciais da língua de sinais são específicas para este estudo. Além disso podemos motivar aos futuros pesquisadores que adotem a Sigmanulogia como adesão ao modelo de literatura contemporânea, na área linguística da língua de sinais, sabendo-se necessário sua distinção da linguística tradicional com a da contemporânea contemplando a Sigmanulogia no meio acadêmico. Acreditamos que os três sistemas atribuídos da Sigmanulogia irão motivar novos estudos contribuindo a melhor forma de analisar um processo sigmanulógico de um termo da língua de sinais.

REFERÊNCIAS

BATTISON, Robbin. Analysing signs. In: Valli, Clayton; Luccas, Ceil; Mulrooney, Kristin J. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 4ª ed. Washington, Dc: Clerc Books, 2005. Cap. 6, p. 193-212.

BATTISON, Robbin. American Sign Language Linguistics 1970-1980: Memoir of a renaissance. In: Emmorey, K.; Lane, H. **The signs of language revisited: Anthology of Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, New Jersey: Laurence Erlbaum Associates, Publishers, 2000. p. 5-16.

BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil; ROSE, Mary. Phonological Variation in American Sign language: The case of 1 handshape p. 19 – 53, in **Language Variation and change**, 14. Cambridge University Press, 2002.

BISOL, Leda. **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre:EDIPUCRS. 2014

BRENTARI, Diane. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology**. Cambridge: The MIT Press, 1998.

BRENTARI, Diane. **Handshape in Sign language Phonology in Companion to Phonology**. New York/ Oxford:. Wiley-Blackwells, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. Tese para obtenção de título de livre docência da Universidade Estadual de Campinas, SP, 1981.

CAPOVILLA, Fernando. C.; GARCIA, Valkíria. Quiremas, Visemas e Bípedes Implumes: Por uma Revisão Taxonômica da Linguagem do Surdo que Substitua Visemas por Fanerolaliemas, e Quiremas por Simatosemas para Forma de Mão (Quiriforfemas), Local de Mão (Quiritoposemas), Movimento de Mão (Quiricinesemas) e Expressão Facial (Mascaremas). **Linguagem e Cognição – Processamento, Aquisição e Cérebro**, BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B. (Orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

CASTRO, Bruno. **A Importância da Terminologia para Prática de Revisão do Texto Técnico-Científico**. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/29255> Acesso em: 6 ago. , 2019.

CHINELATTO, Mateus A.; COSTA, Paula D. Paro. Tecnologia de captura de movimento facial aplicada ao estudo de padrões articulatórios da fala. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, nº 26, outubro de 2018. Campinas, SP. 2018 Disponível em <http://sibgrapi.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/sibgrapi/2018/10.28.12.05/doc/tecnologia-de-captura-2018.pdf> Acesso em: 29 jul. , 2019.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. Nova Iorque: Ed. Harper & Row, 1968.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza. **A Complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: UFSC / Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2007.

DE MARTINO, José Mário. **Animação Facial Sincronizada com a Fala: visemas dependentes do contexto fonético para o português do Brasil**. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica e Computação). Campinas: UNICAMP / Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação, 2005.

HAYES, Bruce. **Introductory Phonology**. Reino Unido. Blackwell Publishing. 2009.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The Sign of Language**. Massachusetts, EUA: Harvard University Press, 1979.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. A heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. (Orgs.). **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 23-41.

LAVIER, John. Linguistic Phonetics. In: **The Handbooks of Linguistics** organizado por Mark Aronoff e Janie Rees-Miller. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

LIDDELL, Scott K.; Johnson, Robert E. American sign language: Phonological Base. **Sign Language Studies**. Vol. 74, Fall, 1989.

NÓBREGA, Valdo Ribeiro Resende da. Sigmanologia: *proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais* In Revista Leitura V.1 nº 57 – **Língua de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas**. Link disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/2657/2874> Acesso em: 28 maio, 2019.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Florianópolis: UFSC / Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2015.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a um hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: La *mimographie* de Bébien en el sistema de transcripción de Stokoe. **Language** vol. 37 nº2 p. 292 – 313. Colombia: Universidad del Vale, 2009.

PERNISS, Pamela; PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Can't you see the difference? Sources of variation in sign language structure p. 1- 34. Visible Variation: **Comparative Studies on Sign Language Structure**. Berlin: De Mouton de Gruyter, 2007.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign language an International handbook: Handbook of Linguistics and Communication Science**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2012.

PINHEIRO, Sônia Regina. **Quirologia: Aprenda a Ler sua Mão**. São Paulo: Madras Editora, 2000.

SANDLER, Wendy. Sign language phonology in **The Oxford International Encyclopedia of Linguistics**. New York, William Frawley, 2018. Disponível no site: <http://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-11> Acesso em: 08 fev. , 2019.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and Linguistics universals**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

STOKOE, William C. Dictionary making, then and now. **Sign Language Studies**. Vol 79, Summer. Nova Iorque: Gallaudet University Press 1993.

STOKOE, William C. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. **Studies in Linguistics**. New York: Gallaudet University Press, 2003.

SUPALLA, Ted. **Sign language structure, learning and change**. Georgetown: EdX Global, 2018.

TRUBETZKOY, Nicolai. **Principles of phonology**. Los Angeles: University of California Press, 1971 [1939].

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo: USP/ Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, 2006.

WUSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Trad. Anne-Cécili Nokermn. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.